

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A comunicação parental, a afetividade e a relação dos adolescentes com os seus irmãos

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento

Nilza Daniela Alves Rodrigues

Orientação: Professora Doutora Otília Monteiro Fernandes e Professora Doutora Inês Relva



Vila Real, abril de 2018

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A comunicação parental, a afetividade e a relação dos adolescentes com os seus irmãos

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento

Nilza Daniela Alves Rodrigues

Orientação: Professora Doutora Otília Monteiro Fernandes e Professora Doutora Inês Relva

Composição do júri:

Professor Doutor Ricardo Nuno Serralheiro Gonçalves Barroso

Professora Doutora Alice Margarida Martins dos Santos Simões

Professora Doutora Otília Maria Monteiro Fernandes

Vila Real, abril de 2018

Declaro que todo o conteúdo e/ou ideias presentes são de minha inteira responsabilidade. Este trabalho foi expressamente elaborado como dissertação original para efeito de obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento, sendo apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia.

Aos meus pais, meus pilares...

Agradecimentos

Finalizada esta etapa particularmente importante para mim, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que tiveram um papel crucial na realização deste projeto.

Assim, em primeiro lugar, faço um especial agradecimento às minhas orientadoras, Professoras Doutoras Otília Monteiro Fernandes e Inês Relva, pela orientação facultada ao longo deste percurso, pela partilha de conhecimentos, rigor, apoio, dedicação, disponibilidade, incentivo e compreensão.

Agradeço, aos meus pais por serem verdadeiros exemplos, por serem o meu maior suporte, por toda a dedicação, apoio e amor incondicional, por lutarem comigo e por mim, por acreditarem tanto quanto eu neste sonho.

Agradeço também à minha irmã por estar sempre presente, pela união e ligação tão própria de ser irmã.

Agradeço à minha família, tias, tios e primos, por todas as palavras de apoio, pela ajuda prestada em cada momento, por todos os sorrisos nos momentos bons e por toda a escuta nos momentos menos bons, obrigada por terem dado sempre o vosso melhor. Em particular, agradeço aos meus avós Miguel e Margarida pelos ensinamentos, por serem um modelo para mim, e uma fonte de orgulho, apesar de não estarem presentes fisicamente a sua marca ficará sempre. Obrigada também ao meu afilhado, Francisco, por, com um sorriso, me permitir dar o melhor de mim, e se permitir dar-me o melhor dele, a sua felicidade tão pura e genuína, que me faz pensar na vida de forma tão mais simples.

Deixo um especial agradecimento às minhas amigas, por tudo, por toda a força que me deram, apoio e amizade incondicional, pelos seus conselhos, e por me acompanharem em todos os momentos.

Agradeço à Dr^a Amélia Moura Santos, pelo seu apoio e todo o incentivo ao longo desta etapa.

Por fim, quero agradecer à Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, particularmente aos meus professores, pela formação que me deram, por ajudarem a construir as raízes para o meu desenvolvimento enquanto profissional.

Obrigada a todos, por me ajudarem a voar, por ampararem os meus medos, por acreditarem em mim, e por me darem força para lutar.

“O encontro de duas pessoas é como o contacto de duas reações químicas: se há alguma reação ambas se transformam” (Carl Jung).

Resumo

Esta dissertação é constituída por dois estudos empíricos, os quais iremos apresentar seguidamente. O estudo empírico 1, cujo título é “*A comunicação parental e a afetividade dos adolescentes*” teve como principal objetivo explorar a influência da comunicação parental sobre o afeto positivo e negativo dos adolescentes. Para o cumprimento deste objetivo, recorreremos a uma amostra de 216 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, e utilizamos três instrumentos nomeadamente, um Questionário sociobiográfico; a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); e a *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a). Os resultados evidenciaram que: 1) os adolescentes com 12 e 13 anos de idade apresentam uma maior qualidade na comunicação com ambos os pais, maiores níveis de afeto positivo, e menores níveis de afeto negativo do que os adolescentes com 14, 15 e 16 anos de idade; 2) existem diferenças ao nível da comunicação parental e afeto positivo em função da configuração familiar; 3) existe uma associação positiva entre a comunicação parental e o afeto positivo, e uma associação negativa entre a comunicação parental e o afeto negativo; 4) a confiança e a partilha comunicacional dos adolescentes face à figura materna prediz positivamente o afeto positivo, e a disponibilidade parental para a comunicação, em relação ao pai, prediz negativamente o afeto negativo. O segundo estudo empírico, que se intitula “*A comunicação parental e a relação entre irmãos*” teve como principal finalidade analisar a influência da comunicação parental sobre a relação fraterna. Neste sentido, recorreremos a uma amostra de 209 indivíduos, com irmãos, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. A recolha dos dados foi efetuada através dos seguintes instrumentos: um Questionário sociobiográfico; a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); e o *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann, & Lopes, 2016). Os resultados indicaram que: 1) os adolescentes que frequentam o 7º e o 8º anos de escolaridade percebem uma maior qualidade na comunicação estabelecida com ambas as figuras parentais do que os adolescentes que frequentam o 9º e o 10º anos; 2) os indivíduos do sexo feminino experimentam uma maior empatia na relação com os seus irmãos do que os indivíduos do sexo masculino; 3) os adolescentes com idades entre os 12 e os 13 anos evidenciam experimentar maiores níveis de empatia na relação com os seus irmãos do que os adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos; 4) existe uma associação positiva entre a comunicação parental e as variáveis empatia e semelhanças; 5) a expressão do afeto e apoio emocional,

relativamente à figura materna, prediz positivamente a manutenção dos limites na relação fraterna, e a metacomunicação prediz negativamente a manutenção dos limites entre os irmãos.

Palavras-Chave: Comunicação parental; afeto positivo; afeto negativo; relação entre irmãos; adolescência.

Abstract

This dissertation consists of two empirical studies, which we will present next. The empirical study 1, whose title is "*Parental communication and the affectivity of adolescents*" had as main objective to explore the influence of the parental communication on the positive and negative affect of the adolescents. To achieve this goal, we used a sample of 216 adolescents, aged between 12 and 16 years old, and used three instruments, namely a sociobiographical questionnaire; the Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – adolescents version (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); and the Positive and Negative Affect Schedule – portuguese version (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a). The results showed that: 1) adolescents with 12 and 13 years of age present a higher quality of communication with both parents, higher levels of positive affection, and lower levels of negative affection than adolescents with 14, 15 and 16 years of age; 2) there are differences in the level of parental communication and positive affect according to the family configuration; 3) there is a positive association between parental communication and positive affect, and a negative association between parental communication and negative affect; 4) the confidence and the communicational sharing of adolescents in relation to the mother figure positively predicts positive affection, and the parental availability for communication, relative to the father, negatively predicts negative affect. The second empirical study entitled "*Parental communication and the relationship between siblings*" had as main purpose to analyze the influence of parental communication on the fraternal relationship. In this sense, we used a sample of 209 individuals, with siblings, aged between 12 and 16 years. The data were collected through the following instruments: a sociobiographic questionnaire; the Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – adolescents version (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); and the Brother-Sister Questionnaire – portuguese version (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann, & Lopes, 2016). The results indicated that: 1) the adolescents who attend the 7th and 8th years of schooling perceive a higher quality in the communication established with both parental figures than the adolescents who attend the 9th and 10th years; 2) female subjects experience greater empathy in relation to their siblings than males; 3) adolescents between the ages of 12 and 13 show that they experience higher levels of empathy in relation to their siblings than adolescents between the ages of 14 and 16; 4) there is a positive association between parental communication and empathy and similarity variables; 5) the expression of affection and emotional support, relative to the maternal figure, positively predicts the

maintenance of the boundaries in the fraternal relationship, and metacommunication negatively predicts the maintenance of the boundaries between siblings.

Keywords: Parental communication; positive affect; negative affect; sibling relationship; adolescence.

Índice

Introdução.....	1
Estudo Empírico I: A comunicação parental e a afetividade dos adolescentes	5
Resumo	6
Abstract	7
Introdução.....	8
Metodologia.....	13
Participantes.....	13
Procedimentos	13
Instrumentos	14
Análises estatísticas realizadas	16
Resultados	17
Análise diferencial da comunicação parental e do afeto positivo e negativo em função das variáveis sociodemográficas	17
Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões afeto positivo e negativo, médias e desvio-padrão	21
Análises preditivas: O papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental no afeto positivo e negativo	22
Discussão	25
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros	28
Referências bibliográficas.....	29
Estudo Empírico II: A comunicação parental e a relação entre irmãos.....	33
Resumo	34
Abstract	35
Introdução.....	36
Metodologia.....	42
Participantes.....	42
Procedimentos	42
Instrumentos	43
Análises estatísticas realizadas	44
Resultados	45
Análise diferencial da comunicação parental e relação fraterna em função das variáveis sociodemográficas	45
Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões da relação fraterna, médias e desvio-padrão	47

Análises preditivas: O papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental na relação fraterna.....	49
Discussão	52
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros	55
Referências bibliográficas.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS.....	65
ANEXOS	69

ÍNDICE DE TABELAS

ESTUDO EMPÍRICO I

Tabela 1. Análise diferencial da comunicação parental em função da idade dos adolescentes	18
Tabela 2. Análise diferencial do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes	19
Tabela 3. Análise diferencial da comunicação parental em função do estado civil dos pais	19
Tabela 4. Análise diferencial do afeto positivo e negativo em função do estado civil dos pais	20
Tabela 5. Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões afeto positivo e negativo, médias e desvio-padrão (N=216)	22
Tabela 6. Papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental no afeto positivo e negativo	23

ESTUDO EMPÍRICO II

Tabela 1. Análise diferencial da comunicação parental em função da escolaridade dos adolescentes	46
Tabela 2. Análise diferencial da relação fraterna em função do sexo dos adolescentes	47
Tabela 3. Análise diferencial da relação fraterna em função da idade dos adolescentes	47
Tabela 4. Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões da relação fraterna, médias e desvio-padrão (N=209)	49
Tabela 5. Papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental na relação fraterna	50

Lista de siglas e acrónimos

ANOVA – Análise de Variância

BSQ – *Brother-Sister Questionnaire*

COMP A – Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

COMP A-A – Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes

CFI – *Comparative Fit Index*

DP – Desvio Padrão

IC – Nível de Significância de 95%

M – Média

PANAS – *Positive and Negative Affect Schedule*

RMS – *Root Mean Square*

RMSEA – *Root Mean Square Error of Approximation*

SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*

Introdução

O desenvolvimento do ser humano deve ser analisado de forma global, devendo considerar-se não só as características individuais do sujeito mas também as interações entre este e o seu contexto envolvente (Pereira, 2009).

É no seio familiar que o desenvolvimento do ser humano se inicia (Fernandes, 2000) sendo este contexto crucial para o seu desenvolvimento (Alarcão & Gaspar, 2007). A família, constitui assim, o primeiro, mais próximo e duradouro contexto social com o qual a criança interage (Pereira, 2009; Relva, 2015), apresentando um contributo singular ao nível da sua socialização, educação, proteção, saúde e bem-estar (Tomé, Camacho, Matos, & Diniz, 2011).

É no seio familiar que se estabelece a primeira ligação emocional do indivíduo, nomeadamente, com as figuras parentais (Portugal & Alberto, 2013). Também, através da família, são concebidas as primeiras experiências de socialização, as quais fornecem as bases para a entrada na vida em sociedade (Pereira, 2009; Relva, 2015). Assim, aquilo que é transmitido e experimentado no contexto familiar, especialmente na relação parental e fraterna tem um impacto significativo na vida do indivíduo (Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007), sendo um contexto crucial para o seu desenvolvimento socioemocional (Mota, Serra, Relva, & Fernandes, 2017).

A família é constituída, por diferentes subsistemas relacionais, entre os quais, parental, conjugal, e fraternal, os quais desempenham diferentes papéis e tem diferentes responsabilidades, no sentido de favorecer o desenvolvimento familiar e corresponder aquilo que são as imposições sociais (Relvas, 1996). Neste contexto, o subsistema parental é responsável pela proteção e educação dos filhos (Alarcão, 2015), por exercer a sua autoridade, facilitar a socialização e autonomia dos filhos (Portugal & Alberto, 2010; Relva, 1996) e por cuidar-los no seio de uma relação de afeto (Portugal & Alberto, 2010); o subsistema conjugal é o sistema através do qual os cônjuges “(...) satisfazem muitas das suas necessidades psicológicas, nomeadamente de amor e partilha” (Alarcão, 2015, p. 124); e o subsistema fraternal, no caso da existência de um irmão, tem um papel essencial na aquisição e desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais elementares para o desenvolvimento individual e social do sujeito (Fernandes, 2000).

É através da comunicação e interação, que os elementos da família formam relações as quais permitem preservar o equilíbrio do sistema familiar (Dias, 2011). Assim, e deste modo, a interação e comunicação familiar são dois fatores determinantes no sistema familiar capazes de promover a sua estabilidade ou instabilidade, estes dois fatores geridos eficazmente

facilitam a consolidação das relações familiares o que permite a sua estabilidade, já o contrário promove a instabilidade familiar, o que por sua vez pode potenciar a instabilidade do sujeito e vice-versa (Dias, 2011). Olson (2000) refere para o equilíbrio do sistema familiar é necessária a presença de uma boa comunicação neste sistema.

A comunicação tem um papel essencial entre os humanos, e em particular no sistema familiar, pois favorece o desenvolvimento de todos aqueles que estão nele integrados (Portugal & Marques, 2014) e o seu bem-estar (Almeida, 2015; Martínez, 2013). Também a comunicação favorece o funcionamento familiar adequado (Bireda & Pillay, 2017), quer a nível familiar geral, quer, em particular, ao nível dos subsistemas relacionais que estão presentes na família (e.g., parental, conjugal e fraternal) (Olson, 2000).

No contexto da relação entre pais e filhos, a comunicação, é extremamente importante, sendo um constructo base no desempenho de diferentes funções parentais como a socialização, a autonomia e a expressão afetiva (Alarcão, 2002). Deste modo, a comunicação parento-filial é uma dimensão fundamental para a qualidade do exercício das funções parentais (Portugal & Alberto, 2013), constituindo um fator que influencia o bem-estar experimentado por pais e filhos nesta relação (Portugal & Alberto, 2010). De evidenciar que a comunicação entre os irmãos é também ela essencial, podendo ser tão importante como a comunicação entre pais e filhos (Fernandes, 2000).

A comunicação promove a coesão e adaptação familiar, duas variáveis que por consequência favorecem a adequação das respostas face às mudanças que se vão apresentando ao longo do tempo na família (Olson, 2000).

Com a entrada na adolescência, os indivíduos sofrem diversas mudanças tanto a nível físico, como psicológico, cognitivo e social, constituindo uma fase que implica conquistas e ao mesmo tempo perdas (Ferreira & Nelas, 2006). O adolescente no exercício da consolidação da sua identidade começa a diferenciar-se dos seus pais, e a tomar decisões autónomas de acordo com os seus interesses e valores (Fleming, 2015). Assim, à medida que o indivíduo se vai diferenciando das suas figuras parentais vai estabelecendo uma maior ligação e identificação com os pares (Wagner, Falcke, Silveira, & Mosmann, 2002), sendo o grupo de iguais crucial na facilitação da diferenciação do indivíduo face à sua família e na ajuda relativa à gestão emocional dos conflitos familiares (Portugal & Alberto, 2010).

Estas mudanças experimentadas na adolescência são adaptativas e necessárias, sendo o reflexo da fase desenvolvimental na qual o indivíduo se encontra (Laursen & Collins, 2004). Contudo, estas mudanças não são só experimentadas pelo indivíduo, mas também pelo seu contexto familiar, exigindo uma adaptação de ambos a esta nova fase (Cava, 2003; Fleming,

2015). Por todas as mudanças provenientes da adolescência, esta etapa torna-se difícil para o sistema familiar, assim, para a manutenção de um sistema funcional e organizado é essencial que o sistema familiar se apresente flexível e se reestruture continuamente (Relvas, 1996) sendo necessários reajustes na estrutura e organização familiar (Portugal & Marques, 2014; Portugal & Alberto, 2015). Conforme Alarcão e Gaspar (2007) a flexibilidade do sistema, refere-se à capacidade que os elementos do sistema têm de se adaptar e responder às mudanças, sem que a estabilidade e o equilíbrio familiar se comprometam. O sistema familiar revela-se, deste modo, fundamental, uma vez que dependendo das suas respostas às mudanças desencadeadas pela adolescência contribui ou condiciona o ajustamento do jovem a esta etapa desenvolvimental (Cava, 2003). Como referido por Alarcão (2015) as crises vivenciadas no sistema familiar, por norma passageiras, se não forem geridas de forma eficaz, podem converter-se em risco, constituindo um bloqueio, comprometendo, deste modo, a mudança e o desenvolvimento familiar e individual.

Na adolescência, o estabelecimento de uma comunicação adequada entre pais e filhos revela-se essencial, uma vez que permite que pais e filhos lidem com os desafios que se apresentam nesta fase e consequentemente que as tarefas que lhe são próprias sejam realizadas (Portugal & Alberto, 2015). Chechi e Dias (2003) afirmam que comunicação parento-filial, é determinante nesta fase, para criação de uma relação saudável entre os diferentes elementos da família, e para a resolução dos inúmeros desafios desencadeados pela adolescência, como, a incerteza, a mudança, entre outros. Segundo Carvalho (2015) verifica-se um maior número de estudos acerca da comunicação parental na adolescência em comparação com outras fases do ciclo vital da família, pelo que nesta etapa, a comunicação é essencial na gestão da vida familiar.

Assim, o presente estudo tem como principal finalidade explorar a influência da comunicação parento-filial sobre a afetividade e a qualidade da relação fraterna com base na percepção de adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Esta dissertação compreende, deste modo, dois estudos empíricos diferentes, mas que se complementam, uma vez que ambos se centram no estudo da comunicação parento-filial, embora, sejam analisadas variáveis diferentes e os seus objetivos sejam distintos. Desta forma, o primeiro estudo empírico, que se intitula “*A comunicação parental e a afetividade dos adolescentes*” tem como objetivo analisar as associações entre a comunicação parental e o afeto positivo e negativo, e também a predição do afeto positivo e negativo em função do sexo e da comunicação parental nos adolescentes dos 12 aos 16 anos de idade. O segundo estudo empírico, cujo título é “*A comunicação parental e a relação entre irmãos*” tem como finalidade analisar as associações

entre a comunicação parental e a relação fraterna, e também a predição da relação fraterna em função do sexo e da comunicação parental nos adolescentes dos 12 aos 16 anos de idade.

Com este estudo, pretende-se adquirir uma maior compreensão no que se refere à influência da comunicação parental, analisando o seu papel na experiência afetiva dos adolescentes e na relação estabelecida entre os irmãos, explorando em que medida a comunicação parental pode facilitar ou dificultar a experiência afetiva e a qualidade da relação que os adolescentes estabelecem com os seus irmãos.

Nos dois estudos empíricos realizados foram verificados resultados que remetem para a importância da comunicação parental e para os seus efeitos sobre as variáveis analisadas, dando informações que podem contribuir para fins de intervenção, especialmente, uma intervenção psicológica precoce, para que possam ser diminuídos os efeitos adversos da comunicação parental na afetividade do adolescente e na relação estabelecida com os seus irmãos.

Estudo Empírico I:

A comunicação parental e a afetividade dos adolescentes

Parental communication and the affectivity of adolescents

Resumo

A comunicação parental constituiu um meio através do qual pais e filhos partilham importantes informações verbais e não-verbais, as quais parecem influenciar não só o desenvolvimento e ajustamento psicossocial dos filhos como o seu bem-estar. Assim, dependendo da sua qualidade, a comunicação parental pode atuar como um fator facilitador ou dificultador do bem-estar emocional do indivíduo, interferindo na sua experiência afetiva. O presente estudo teve como principal objetivo explorar a influência da comunicação parental sobre o afeto positivo e negativo dos adolescentes. Para o cumprimento deste objetivo, recorreremos a uma amostra de 216 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M=13.84$; $DP=1.31$), e utilizamos três instrumentos nomeadamente, um Questionário sociobiográfico; a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); e a *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a). Os resultados evidenciaram que: 1) os adolescentes com 12 e 13 anos de idade apresentam uma maior qualidade na comunicação com ambos os pais, maiores níveis de afeto positivo, e menores níveis de afeto negativo do que os adolescentes com 14, 15 e 16 anos de idade; 2) existem diferenças ao nível da comunicação parental e do afeto positivo em função da configuração familiar; 3) existe uma associação positiva entre a comunicação parental e o afeto positivo, e uma associação negativa entre a comunicação parental e o afeto negativo; 4) a confiança e a partilha comunicacional dos adolescentes face à figura materna predizem positivamente o afeto positivo, e a disponibilidade parental para a comunicação, em relação ao pai, prediz negativamente o afeto negativo. Tendo em consideração estes resultados, parece importante a implementação de programas de intervenção/educação parental, nos quais se trabalhem as competências comunicacionais com as famílias, com a finalidade de melhorar a afetividade dos adolescentes.

Palavras-chave: Comunicação parental; afeto positivo; afeto negativo; adolescência.

Abstract

Parental communication has been a means by which parents and children share important verbal and non-verbal information which seems to influence not only the development and psychosocial adjustment of children but also their well-being. Thus, depending on their quality, parental communication can act as a facilitator or obstacle to the individual's emotional well-being, interfering with their emotional experience. The main objective of this study was to explore the influence of parental communication on the positive and negative affect of adolescents. To achieve this goal, we used a sample of 216 adolescents, aged between 12 and 16 years old ($M=13.84$; $SD=1.31$), and we used three instruments, namely a sociobiographical Questionnaire; the Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – adolescents version (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); and the Positive and Negative Affect Schedule – portuguese version (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a). The results showed that: 1) adolescents with 12 and 13 years of age present a higher quality of communication with both parents, higher levels of positive affection, and lower levels of negative affection than adolescents with 14, 15 and 16 years of age; 2) there are differences in the level of parental communication and positive affect according to the family configuration; 3) there is a positive association between parental communication and positive affect, and a negative association between parental communication and negative affect; 4) the confidence and the communicational sharing of adolescents in relation to the mother figure positively predicts positive affection, and the parental availability for communication, relative to the father, negatively predicts negative affect. Taking into account these results, it seems important to implement parental intervention / education programs, in which the communication skills with families are worked, with the purpose of improving adolescents' affectivity.

Keywords: Parental communication; positive affect; negative affect; adolescence.

Introdução

As experiências vivenciadas na relação com os outros têm um papel determinante na afetividade do indivíduo (Denham, Bassett, & Wyatt, 2007). A família assume, assim, uma posição privilegiada face aos demais contextos sociais, por constituir uma fonte primária e principal de partilha de informações e afetos (Almeida, 2015), e na qual se produzem aprendizagens importantes que vão desencadeando afetos diferenciados no indivíduo (Dias, 2011).

Afeto positivo e negativo

A afetividade diz respeito à manifestação de emoções (Marotta, 2015). Esta envolve o afeto positivo e negativo, duas medidas independentes que dão a conhecer o estado emocional do indivíduo (Galinha, Pereira, & Esteves, 2014).

O afeto positivo remete para a medida em que o indivíduo expressa bem-estar emocional, se sente entusiasmado, ativo, determinado, entre outras (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; Marotta, 2015; Galinha et al., 2014). Já o afeto negativo designa a medida em que o indivíduo manifesta mal-estar emocional, se sente perturbado, atormentado e nervoso, entre outras (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; Marotta, 2015; Galinha et al., 2014). Segundo Galinha e Ribeiro (2005), o afeto positivo e negativo são duas componentes do bem-estar, que representam o bem-estar emocional.

Elevados níveis de afeto, tanto positivo como negativo, refletem uma intensidade emocional elevada, já baixos níveis de afeto positivo ou negativo, remetem para a carência de intensidade emocional (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). Também, de acordo com Marotta (2015), o afeto negativo relaciona-se com menor ajustamento psicossocial, enquanto o afeto positivo se relaciona com o bem-estar e maior felicidade.

Comunicação parental

Todo o comportamento do indivíduo, quando interage com outro/os, é comunicação, podendo ser verbal, não verbal e para verbal, deste modo, a comunicação tem uma natureza intencional e não intencional, pode ser consciente ou não, e realizada com sucesso ou não (Alarcão, 2002).

De acordo com Alarcão (2002) a comunicação funcional facilita a união, ligação, e o desenvolvimento de uma relação entre os comunicantes, contrariamente, a comunicação disfuncional, distancia os comunicantes ou pode levar a que estes não se sintam

compreendidos, e dar origem a ressentimentos, neste caso, a comunicação causa o desenvolvimento de emoções negativas entre os comunicantes.

A comunicação tem um papel essencial entre os humanos, e em particular no sistema familiar, nomeadamente na relação entre pais e filhos, pois favorece o desenvolvimento de todos aqueles que estão integrados neste sistema (Portugal & Marques, 2014), mas tanto pode constituir um fator facilitador como dificultador para a qualidade do funcionamento e desenvolvimento do sistema familiar e de todos os indivíduos que o integram (Carvalho, 2015). Deste modo, os sistemas familiares equilibrados por norma apresentam uma comunicação bem sucedida, já os sistemas familiares desequilibrados evidenciam de modo geral uma comunicação pobre (Olson, 2000). A comunicação, segundo Alarcão (2002), define o relacionamento que liga os parceiros comunicacionais.

A comunicação parento-filial é um dos constructos mais relevantes para a definição e compreensão da relação entre pais e filhos (Portugal & Alberto, 2010; 2013; 2013a) a qual interfere na qualidade desta relação (Portugal & Alberto, 2010; 2013).

É através da comunicação que pais e filhos manifestam as suas emoções, atitudes, princípios, resolvem problemas e fomentam a sua ligação (Droser, 2013). De acordo com Cava (2003) e Portugal e Marques (2014) é também por meio da comunicação que são estabelecidas as regras e definidos e redefinidos os papéis e funções desempenhados por cada elemento do sistema familiar.

De acordo com Cia, Pamplim e Del Prette (2006) um contexto familiar organizado pressupõe uma comunicação parento-filial ajustada, na qual estão presentes determinadas características, entre as quais: disponibilidade para dialogar; orientação; apoio no reconhecimento das emoções; e manifestação de afetos positivos.

A comunicação parental é constituída por um conjunto de dimensões; segundo Portugal e Alberto (2013a) são as seguintes: a disponibilidade comunicacional, que corresponde à abertura face ao diálogo e franqueza comunicacional; a expressão afetiva e o apoio emocional que se refere à transmissão de informações positivas e de apoio, a uma comunicação clara, à resolução de problemáticas, ao apoio emocional e à manifestação de empatia e carinho; a confiança e partilha comunicacional que diz respeito à adequada confiança e partilha de assuntos de cariz pessoal; e a metacomunicação, que se refere à explicação daquilo que é comunicado.

A comunicação parental na adolescência

A família, constituída por diferentes subsistemas de relações (e.g. subsistema parental e fraternal), sofre transformações ao longo do seu ciclo vital, isto é, em função das mudanças e necessidades dos seus elementos, deste modo, a adolescência é uma fase desenvolvimental que requer um reequilíbrio nas relações familiares (Relvas, 1996; Steinberg & Silk, 2002). De acordo com Relvas (1996) a mudança é fundamental, uma vez que permite o desenvolvimento, e a consequente concretização das tarefas desenvolvimentais que se vão apresentando ao longo do ciclo vital. Embora nesta investigação nos centremos apenas sobre a comunicação entre pais e filhos, não podemos esquecer que, quando há outros filhos, e, portanto, irmãos, para além da comunicação parental existe também a comunicação fraternal, entre irmãos, às vezes tão importante quanto a comunicação parental (Fernandes, 2000). E o subsistema fraternal está interligado com o subsistema parental (Alarcão, 2002), daí que só por uma questão prática é que os podemos estudar separadamente.

A fase de desenvolvimento no qual a família está constitui, então, um fator que influi na comunicação entre pais e filhos (Portugal & Alberto, 2013; Relvas, 1996). A adolescência é marcada por diversas mudanças a nível físico, psicológico e social, concomitantemente, essas mudanças experimentadas pelos adolescentes refletem-se no sistema familiar dando origem a transformações neste contexto (Fleming, 2015). Nesta fase o indivíduo procura cada vez mais a sua autonomia, diferenciando-se da sua família, através da tomada de decisões autónomas sobre si mesmo e a sua vida (Fleming, 2015). Esta conquista da autonomia pelo adolescente pode proporcionar *handicaps* na comunicação entre pais e filhos motivados pelas suas perceções distintas relativamente aos objetivos inerentes ao processo de conquista da autonomia (Laursen & Collins, 2004). Assim, é justamente na afirmação da autonomia dos adolescentes que surgem os conflitos parento-filiais (Fleming, 2015), e a manifestação de afetos negativos tende a aumentar, podendo esse padrão ser experimentado também dentro do sistema familiar (Larson, Moneta, Richards, & Wilson, 2002).

Ao longo da adolescência a proximidade entre pais e filhos tende a diminuir, facto que se reflete em diferenças na perceção, dos adolescentes e dos pais, relativamente à qualidade da relação parento-filial e na experiência afetiva dos mesmos (Laursen & Collins, 2004). Assim, quando comparados pré-adolescentes com adolescentes, os últimos percecionaram uma relação de menor intimidade e companheirismo em relação aos seus pais (Buhrmester & Furman, 1987; Laursen & Collins, 2004) e maior insatisfação relativamente à vida familiar (Laursen & Collins, 2004). Também, quando comparados com os pré-adolescentes e os seus pais, os

adolescentes e pais evidenciaram uma manifestação mais frequente de afetos negativos e diminuição de afetos positivos (Laursen & Collins, 2004; Steinberg & Silk, 2002).

A comunicação parental desempenha, nesta fase, um papel determinante no processo de formação da identidade do jovem (Portugal & Alberto, 2013). A qualidade do ajustamento do jovem a esta etapa desenvolvimental é facilitada quando a família responde de forma ajustada perante as mudanças desencadeadas pela adolescência (Cava, 2003). De acordo com vários autores (Almeida, 2015; Portugal & Alberto, 2013, 2013a; Relvas, 1996) a comunicação parento-filial possibilita identificar e atuar perante as necessidades e imposições da parentalidade reajustando-se de acordo com a fase desenvolvimental na qual se encontra o indivíduo. Assim, o sistema familiar terá de se adaptar de forma a acompanhar o desenvolvimento do indivíduo (Fleming, 2015), sendo necessários reajustamentos ao nível da estrutura, da comunicação e das relações familiares (Portugal & Marques, 2014).

Como referido por Laursen e Collins (2004) em algumas famílias a adolescência representa uma fase difícil, contudo famílias organizadas e estáveis conseguem vivenciar esta fase desenvolvimental fazendo face aos seus desafios de forma positiva. Deste modo, os conflitos familiares recorrentes desta fase desenvolvimental podem ser construtivos e adaptativos, sempre e quando haja uma comunicação saudável, na qual pais e filhos são capazes de reorganizar os seus papéis e funções com vista à autonomia do adolescente (Laursen & Collins, 2004; Steinberg & Silk, 2002).

A influência da comunicação parental no bem-estar dos filhos

A qualidade da comunicação estabelecida entre pais e filhos tem repercussões no desenvolvimento geral (Carvalho, 2015) e ajustamento psicológico e social dos filhos (Portugal & Marques, 2014). Assim, a comunicação parento-filial tem efeito sobre o bem-estar (Almeida, 2015; Bireda & Pillay, 2017; Camacho, Tomé, Matos, Simões, & Diniz, 2012; Cava, 2003; Martínez, 2013; Tomé et al., 2011; Wagner, Carpenedo, Melo, & Silveira, 2005), a autoestima (Almeida, 2015; Wagner et al., 2005), a qualidade das relações estabelecidas (Almeida, 2005), o comportamento do indivíduo e o desenvolvimento de psicopatologias (Portugal & Alberto, 2010).

De acordo com Portugal e Alberto (2010; 2013) a disponibilidade comunicacional e a clareza do diálogo permitem que o adolescente se desenvolva positivamente, tendo sentimentos mais positivos e menos conflitos. Pelo contrário, quando a qualidade da comunicação entre pais e filhos é reduzida, os adolescentes podem desenvolver problemas a nível comportamental

e psicopatologias (Portugal & Alberto, 2010). Deste modo, a comunicação parento-filial é um indicador de prevenção de psicopatologias e de problemas psicossociais (Martínez, 2013).

As respostas dos pais, perante as emoções dos filhos, informam os filhos relativamente à natureza das diferentes emoções e à forma de como se deve lidar com elas (Denham et al., 2007; Nelson, O'Brien, Blankson, Calkins, & Keane, 2009). Deste modo, dependendo da forma como os pais respondem às emoções dos filhos, concedendo-lhes suporte ou não, podem facilitar ou dificultar a experiência afetiva dos últimos (Nelson et al., 2009). Segundo Fernandes (2016) a experiência de emoções negativas dentro do seio familiar favorece a sua compreensão e organização, fornecendo uma base para posteriormente em outras relações sociais serem compreendidas e geridas de forma eficiente. O apoio parental face às emoções negativas dos filhos parece influenciar a competência emocional dos últimos, a qual permite uma expressão emocional variada e ajustada. Já a ausência de apoio por parte dos pais mostrou relacionar-se com a repressão dos afetos negativos e à incapacidade de lidar com esses mesmos afetos (Denham et al., 2007).

No seu estudo Camacho et al. (2012) constataram que os adolescentes que evidenciavam ter uma comunicação de maior qualidade com os pais revelavam uma maior felicidade do que os adolescentes que apresentavam uma comunicação de menor qualidade com os mesmos. Também os resultados do estudo de Tomé et al. (2011) demonstraram que uma comunicação positiva entre pais e filhos se revela um indicador de felicidade. Este fenómeno pode ser explicado com base no facto de que uma boa comunicação entre pais e filhos promove o diálogo e expressão dos afetos, o que por sua vez favorece que os últimos recebam e atendam às orientações dos pais relativas à forma mais adequada para lidar com as suas emoções (Droser, 2013).

De acordo com Martínez (2013), um meio familiar no qual as relações são pautadas pelo conflito e a expressão dos afetos negativos é reprimida influencia de forma negativa o bem-estar do indivíduo, contrariamente, um meio familiar no qual é estabelecida uma comunicação positiva, a qual está associada à manifestação de pontos de vista e resolução de conflitos, parece contribuir de forma positiva para o bem-estar do adolescente. Assim, uma comunicação parento-filial na qual os pais se mostram disponíveis para comunicar e a qual se baseia na expressão de afetos e apoio emocional de ambos os constituintes da díade atua como promotora do bem-estar dos adolescentes e da sua saúde mental (López, Ochoa, & Olaizola, 2005). Também, Bireda e Pillay (2017) constataram que a comunicação estabelecida tanto com a mãe como com o pai prediz o bem-estar dos filhos.

Os estudos realizados até então relacionados com a comunicação parento-filial e o bem-estar dos indivíduos debruçaram-se mais sobre a contribuição da comunicação parental sobre os comportamentos de risco dos filhos, tendo sido pouco abordado o estudo da relação entre a comunicação parental e o bem-estar a nível psicológico (Bireda & Pillay, 2017).

Uma vez que a comunicação parental é um constructo extremamente influente na vida dos indivíduos e das famílias (Carvalho, 2015), que influi no bem-estar filhos (Bireda & Pillay, 2017), é importante analisar como a qualidade da comunicação experimentada na relação com os pais pode influenciar o bem-estar emocional dos filhos. Esta análise permite assim, o conhecimento de como a comunicação parento-filial pode influir na experiência afetiva dos filhos, facto que pode ser valioso para fins de intervenção, com vista à diminuição das suas consequências negativas.

Assim, e deste modo o presente estudo teve como objetivo: (a) a análise diferencial da comunicação parental e do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes e do estado civil dos pais; (b) explorar a associação entre a comunicação parental e o afeto positivo e negativo; e (c) analisar em que medida o sexo e a comunicação parental exercem um efeito preditor no afeto positivo e negativo dos adolescentes.

Metodologia

Participantes

A amostra é constituída por 216 indivíduos, entre os quais 74 (34.3%) são do sexo masculino e 142 (65.7%) do sexo feminino, que têm idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M=13.84$; $DP=1.31$), e frequentam entre o 7º e o 10º ano de escolaridade (7º ano - 40.3%; 8ºano - 16.2%; 9ºano - 18.1%; 10ºano - 25.5%). Quanto ao número de irmãos, 50 (23.1%) dos participantes são filhos únicos, 117 (54.2%) têm um irmão, 36 (16.7%) têm dois irmãos, 7 (3.2%) têm três irmãos, 4 (1.9%) têm quatro irmãos, 2 (0.9%) têm cinco irmãos. Em relação à idade das figuras parentais, os pais têm entre 30 e 67 anos ($M=45.87$; $DP= 6.04$) e as mães entre 30 e 59 anos ($M=43.21$; $DP=5.32$). No que se refere ao estado civil dos pais, 186 (86.1%) encontram-se casados ou em união de facto.

Procedimentos

A amostra foi recolhida de forma aleatória em quatro escolas secundárias do norte de Portugal. Primeiramente, procedeu-se ao pedido de autorização dirigido ao Diretor da escola através do *e-mail* no qual se apresentou o estudo e os seus objetivos. Posteriormente seguiu-se

uma reunião com os diretores e/ou equipa da direção das respetivas escolas onde foi explicado o procedimento de implementação do protocolo, sendo selecionadas por eles as turmas que iriam participar no estudo, esta escolha foi realizada com base na idade dos indivíduos tendo em conta a idade da amostra. Só numa das escolas foi possível estar presente para administrar os questionários pelo que as restantes preferiram que a administração fosse realizada pelos diretores de turma ficando a recolha dos questionários à sua responsabilidade. Assim, após a identificação das turmas que iriam participar foram entregues os protocolos e respetivos consentimentos informados. O consentimento informado foi entregue aos pais, primeiramente, e só os alunos que obtiveram a autorização destes puderam participar. Deste modo, os alunos que tiveram a autorização dos pais e que pretenderam por livre vontade participar responderam ao protocolo em contexto sala de aula. Relativamente à escola que permitiu a nossa administração foi possível fazermos uma breve apresentação dos objetivos do estudo, dar instruções e esclarecer as dúvidas dos alunos. Nas escolas que não foi possível estarmos presentes foram dadas instruções relativas à administração do protocolo ao diretor da escola e à equipa da direção para posteriormente serem dadas aos diretores de turma. Por fim, de referir que foram assegurados todos os princípios éticos subjacentes à administração do protocolo, sendo garantido o caráter voluntário de participação, anonimato e confidencialidade. Os pais e os participantes foram informados de que os dados recolhidos através do protocolo iriam ser utilizados somente para fins desta investigação.

Instrumentos

Um Questionário sociobiográfico – constituído por questões relativas ao indivíduo (género, idade, nível de escolaridade) e à sua família, designadamente, pais (idade, estado civil e profissão) e irmãos (idade, género, número de irmãos e tipo de irmãos).

A Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMPA-A) (Portugal & Alberto, 2010). Esta escala tem como objetivo avaliar a comunicação entre pais e filhos, através da análise das perceções dos adolescentes (dos 12 aos 16 anos de idade) acerca da comunicação estabelecida na relação parento-filial (Portugal & Alberto, 2014). A avaliação deste instrumento é feita através de uma escala de tipo Likert que está compreendida entre 1 e 5, o 1 representa nunca e o 5 sempre (Portugal & Alberto, 2015). Esta escala é composta por 39 itens agrupados em cinco subescalas: disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores, expressão do afeto e apoio emocional, metacomunicação e padrão comunicacional negativo (Portugal & Alberto, 2014; Portugal & Alberto, 2015). Na versão COMPA-A as questões

relativas à comunicação que o adolescente estabelece com a mãe e com o pai são avaliadas e respondidas em separado (Portugal & Alberto, 2015). No presente estudo, relativamente às propriedades psicométricas para a amostra, os valores de *alpha* de Cronbach das dimensões do COMPA-A de acordo com o género das figuras parentais: Mãe: disponibilidade parental para a comunicação ($\alpha=.95$), confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores ($\alpha=.90$), expressão do afeto e apoio emocional ($\alpha=.87$) e metacomunicação ($\alpha=.89$); Pai: disponibilidade parental para a comunicação ($\alpha=.96$), confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores ($\alpha=.92$), expressão do afeto e apoio emocional ($\alpha=.91$) e metacomunicação ($\alpha=.91$). De evidenciar que não foi utilizada a dimensão padrão comunicacional negativo no nosso estudo uma vez que os valores de *alpha* de Cronbach desta dimensão, tanto em relação ao pai como à mãe se apresentavam baixos ($\alpha=.53$) e ($\alpha=.59$), respetivamente. Em relação aos resultados da análise fatorial confirmatória para o COMPA-A mãe, o ajustamento dos valores foi confirmado sendo $\chi^2(56)=151.46$; $p=.000$; *Ratio*=2.70; CFI=.96; RMR=.023 e RMSEA=.08. Para o COMPA-A pai, os valores de ajustamento foram igualmente confirmados sendo $\chi^2(56)=117.03$; $p=.000$; *Ratio*=2.09; CFI=.98; RMR=.024 e RMSEA=.07

A Positive and Negative Affect Schedule (PANAS) (Watson, Clark, & Tellegen, 1988; adaptado para a população portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a). A PANAS é uma medida de autorrelato que contém 20 itens, aos quais correspondem diferentes emoções, divididos em duas dimensões independentes: o afeto positivo (interessado, excitado, agradavelmente surpreendido, caloroso, entusiasmado, orgulhoso, encantado, inspirado, determinado e ativo) e o afeto negativo (perturbado, atormentado, culpado, assustado, repulsa, irritado, remorsos, nervoso, trémulo e amedrontado) (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005b). Assim, esta medida avalia o afeto positivo e negativo através de uma escala de tipo Likert com cinco níveis (1=*Nada ou muito ligeiramente*; 2=*Um pouco*; 3=*Moderadamente*; 4=*Bastante*; 5=*Extremamente*) (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a), e devido ao facto de poder ser usada com distintas instruções temporais (*neste momento*; *hoje*; *durante os últimos dias*; *durante a última semana*; *durante as últimas semanas*; *durante o último ano*; *geralmente*) permite avaliar dimensões tais como, o afeto estado, o humor e o afeto traço (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; 2005a; Galinha et al., 2014). No que respeita à consistência interna, os valores de *alfa* de Cronbach do presente estudo foram: afeto positivo ($\alpha=.72$) e o afeto negativo ($\alpha=.82$). No que diz respeito aos resultados da análise fatorial confirmatória para a PANAS o ajustamento dos valores foi confirmado sendo $\chi^2(17)=32.78$; $p=.010$; *Ratio*=1.92; CFI=.97; RMR=.026 e RMSEA=.06

Análises estatísticas realizadas

A análise de dados estatísticos foi efetuada através do IBM SPSS (*Statistical Package for Social Sciences* – versão 23) e através do IBM SPSS AMOS versão 24.

Num primeiro momento, foi criada uma base de dados no SPSS onde foram inseridos os dados amostrais recolhidos, seguindo-se a limpeza da base de dados com o objetivo de verificar e eliminar os *missings values* e *outliers* pelo que podiam influenciar negativamente a confiabilidade dos resultados do presente estudo. Para a análise dos *outliers* recorreu-se à distância de *Mahalanobis* e *Zscores*. Assim, mediante os resultados destas análises foram excluídos alguns participantes. Posteriormente, foi averiguada a normalidade da amostra com base na distribuição normal, pelo que foi possível a utilização de testes paramétricos, visto que o tamanho da amostra é superior a 30.

De seguida, para cada instrumento foram construídas as suas dimensões, e foram analisadas as propriedades psicométricas dos diferentes instrumentos através da análise de confiabilidade realizada no SPSS, e a análise fatorial confirmatória realizada através do AMOS, o que permitiu avaliar a confiabilidade dos instrumentos assim como os seus valores de ajustamento.

Com a finalidade de concretizar os objetivos propostos, procedeu-se à análise dos dados estatísticos. Assim, foram criados dois grupos referentes à idade, e recorreu-se ao *teste-t* para amostras independentes para verificar a existência de diferenças na comunicação parental em função da idade dos adolescentes, o mesmo procedimento foi realizado em relação ao afeto positivo e negativo, onde se pretendeu identificar se eram encontradas diferenças ao nível do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes. De seguida, através da análise de variância (ANOVA) realizou-se a análise diferencial da comunicação parental e do afeto positivo e negativo em função do estado civil dos pais, sendo também analisado o tamanho do efeito dos resultados (*Eta squared*). De acordo com a classificação de Cohen (1988) referente ao tamanho do efeito, .01 representa um efeito pequeno, .06 um efeito médio e .14 um efeito grande. Posteriormente, recorreu-se às correlações bivariadas, nomeadamente, à correlação de Pearson, tendo como objetivo a análise das associações entre as dimensões da comunicação parental e o afeto positivo e negativo, médias e desvio padrão. Segundo Cohen (1988) as correlações cujos valores estão entre .10 e .29 ou -.10 e -.29 são pequenas, entre .30 e .49 ou -.30 e -.49 são médias, e entre .50 e 1.0 e -.50 e -1.0 são altas. Por fim, a procedeu-se a uma análise de regressão, nomeadamente, à regressão múltipla hierárquica que foi utilizada para

analisar o papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental no afeto positivo negativo dos adolescentes.

Resultados

Análise diferencial da comunicação parental e do afeto positivo e negativo em função das variáveis sociodemográficas

De forma a analisar em que medida as variáveis sociodemográficas influenciam a comunicação parental e o afeto positivo e negativo, recorreu-se ao *teste-t* para amostras independentes e ANOVA para realizar estas análises.

No que se refere à **idade** foram concebidos dois grupos (o grupo 1 que compreende os indivíduos com 12 e 13 anos, e o grupo 2 com 14, 15 e 16 anos). Os resultados (tabela 1) demonstraram diferenças estatisticamente significativas na comunicação parento-filial, tanto no que respeita à comunicação estabelecida com a mãe como com o pai, em função da idade. Assim, os indivíduos do grupo 1 (12 e 13 anos) percecionam uma melhor qualidade na comunicação com o pai do que os indivíduos do grupo 2 (14 a 16 anos) no que se refere a todas as variáveis que constituem a comunicação parental: **disponibilidade parental para a comunicação** [$t(203)= 3,072$; $p=.002$], com IC de 95% [.13, .61], grupo 1 ($M=4.25$, $DP=.82$) e grupo 2 ($M=3.87$, $DP=.96$); **confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores** [$t(214)= 3,225$; $p=.001$], com IC de 95% [.17, .72], grupo 1 ($M=3.56$, $DP=1.00$) e grupo 2 ($M=3.11$, $DP=1.01$); **expressão do afeto e apoio emocional** [$t(214)= 2,690$; $p=.008$], com IC de 95% [.09, .61], grupo 1 ($M=4.36$, $DP=.89$) e grupo 2 ($M=4.00$, $DP=.99$); e **metacomunicação** [$t(214)= 2,595$; $p=.010$], com IC de 95% [.07, .55], grupo 1 ($M=4.02$, $DP=.84$) e grupo 2 ($M=3.70$, $DP=.89$). Relativamente à comunicação estabelecida com a mãe, evidenciou-se o mesmo padrão, sendo que os adolescentes que têm idades compreendidas entre 12 e 13 anos (grupo 1) percecionaram uma melhor qualidade na comunicação com a mãe do que os adolescentes com 14 a 16 anos (grupo 2) no que se refere a todas as dimensões que compõem a comunicação parental: **disponibilidade parental para a comunicação** [$t(213)= 2,130$; $p=.034$], com IC de 95% [.01, .35], grupo 1 ($M=4.53$, $DP=.53$) e grupo 2 ($M=4.34$, $DP=.74$); **confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores** [$t(213)= 2,655$; $p=.009$], com IC de 95% [.07, .52], grupo 1 ($M=4.15$, $DP=.69$) e grupo 2 ($M=3.85$, $DP=.97$); **expressão do afeto e apoio emocional** [$t(212)= 3,025$; $p=.003$], com IC de 95% [.09, .43], grupo 1 ($M=4.66$, $DP=.55$) e grupo 2 ($M=4.40$, $DP=.73$); e **metacomunicação** [$t(207)= 2,279$; $p=.024$], com IC de 95% [.02, .40], grupo 1 ($M=4.30$, $DP=.62$) e grupo 2 ($M=4.08$, $DP=.76$).

Tabela 1

Análise diferencial da comunicação parental em função da idade dos adolescentes

COMPA-A	Grupos Idades	M ± DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Pai				
Disponibilidade parental para a comunicação	1-12-13	4.25±.82	[.13, .61]	2<1
	2-14-16	3.87±.96		
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	1-12-13	3.56±1.00	[.17, .72]	2<1
	2-14-16	3.11±1.01		
Expressão do afeto e apoio emocional	1-12-13	4.36±.89	[.09, .61]	2<1
	2-14-16	4.00±.99		
Metacomunicação	1-12-13	4.02±.84	[.07, .55]	2<1
	2-14-16	3.70±.89		
Mãe				
Disponibilidade parental para a comunicação	1-12-13	4.53±.53	[.01, .35]	2<1
	2-14-16	4.34±.74		
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	1-12-13	4.15±.69	[.07, .52]	2<1
	2-14-16	3.85±.97		
Expressão do afeto e apoio emocional	1-12-13	4.66±.55	[.09, .43]	2<1
	2-14-16	4.40±.73		
Metacomunicação	1-12-13	4.30±.62	[.02, .40]	2<1
	2-14-16	4.08±.76		

Nota: COMPA-A – Escala de avaliação da comunicação na parentalidade, forma A, M= Média; DP= Desvio Padrão; IC95%= intervalo de confiança 95%

Os resultados da análise diferencial também revelaram a existência de diferenças estatisticamente significativas no afeto positivo [$t(214)= 2,049$; $p=.042$], com 95% de IC [.00, .35] e negativo [$t(210)= -3,085$; $p=.002$], com 95% de IC [-.38, -.08] em função da idade, verificando-se assim que os indivíduos com 12 e 13 anos experimentam maiores níveis de afeto positivo ($M=3.31$, $DP=.60$) quando comparados com os indivíduos com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=3.13$, $DP=.65$), e menores níveis de afeto negativo ($M=1.62$, $DP=.48$) em relação aos mesmos ($M=1.85$, $DP=.62$), tal como observado na tabela 2.

Tabela 2

Análise diferencial do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes

PANAS	Grupo Idades	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Afeto positivo	1-12-13	3.31±.60	[.00, .35]	2<1
	2-14-16	3.13±.65		
Afeto negativo	1-12-13	1.62±.48	[-.38, -.08]	2>1
	2-14-16	1.85±.62		

Nota: PANAS – *Positive and Negative Affect Schedule*, M = Média; DP = Desvio Padrão; $IC95\%$ = intervalo de confiança 95%

Relativamente ao **estado civil** foram estabelecidos dois grupos: grupo 1 (família tradicional); e grupo 2 (outras formas de família). Os resultados desta análise evidenciam diferenças estatisticamente significativas em relação à percepção da comunicação estabelecida com o pai em função do estado civil, nomeadamente no que se refere à **disponibilidade parental para a comunicação** [$F(1,214)=6.147$, $p=.014$, $\eta^2=.028$], deste modo, os indivíduos que integram outras formas de família percecionam uma menor disponibilidade parental para a comunicação por parte do pai ($M=4.09$, $DP=.84$) quando comparados com indivíduos que integram famílias tradicionais ($M=3.64$, $DP=1.25$), tal como observado na tabela 3.

Tabela 3

Análise diferencial da comunicação parental em função do estado civil dos pais

COMPA	Estado civil dos pais	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Pai				
Disponibilidade parental para a comunicação	1-Família tradicional	4.09±.84	[3.96, 4.21]	2<1
	2-Outras formas de família	3.64±.1.25	[3.17, 4.11]	
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	1-Família tradicional	3.34±.97	[3.20, 3.48]	n.s
	2-Outras formas de família	2.97±1.31	[2.48, 3.46]	
Expressão do afeto e apoio emocional	1-Família tradicional	4.19±.90	[4.06, 4.32]	n.s
	2-Outras formas de família	3.86±.1.24	[3.39, 4.32]	
Metacomunicação	1-Família tradicional	3.86±.83	[3.74, 3.98]	n.s
	2-Outras formas de família	3.65±.1.15	[3.22, 4.08]	
Mãe				

Disponibilidade parental para a comunicação	1-Família tradicional	4.44±.66	[4.34, 4.53]	n.s
	2-Outras formas de família	4.30±.76	[4.02, 4.59]	
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	1-Família tradicional	3.99±.84	[3.86, 4.11]	n.s
	2-Outras formas de família	3.88±1.07	[3.47, 4.28]	
Expressão do afeto e apoio emocional	1-Família tradicional	4.51±.66	[4.41, 4.60]	n.s
	2-Outras formas de família	4.51±.74	[4.23, 4.79]	
Metacomunicação	1-Família tradicional	4.17±.70	[4.07, 4.27]	n.s
	2-Outras formas de família	4.17±.78	[3.87, 4.46]	

Nota: COMPA-A – Escala de avaliação da comunicação na parentalidade, forma A, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= intervalo de confiança 95%

Os resultados da análise diferencial do afeto positivo e negativo, revelaram diferenças significativas no que se refere ao afeto positivo em função do **estado civil** [$F(1,214)=7.032$, $p=.009$, $\eta^2=.032$] que indicaram que os indivíduos que vivem em famílias tradicionais (grupo 1) apresentam maiores níveis de afeto positivo ($M=3.25$, $DP=.63$) em comparação com os indivíduos que vivem em outras formas de família ($M=2.92$, $DP=.59$). Em relação ao afeto negativo, embora as diferenças dos grupos não sejam estatisticamente significativas, o grupo 1 apresenta menores níveis de afeto negativo do que o grupo 2, tal como observado na tabela 4.

Tabela 4

Análise diferencial do afeto positivo e negativo em função do estado civil dos pais

PANAS	Estado civil dos pais	<i>M</i> ± <i>DP</i>	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Afeto positivo	1-Família tradicional	3.25±.63	[3.15, 3.34]	2<1
	2-Outras formas de família	2.92±.59	[2.70, 3.14]	
Afeto negativo	1-Família tradicional	1.74±.57	[1.66, 1.82]	n.s
	2-Outras formas de família	1.88±.61	[1.65, 2.11]	

Nota: PANAS – *Positive and Negative Affect Schedule*, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= intervalo de confiança 95%

Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões afeto positivo e negativo, médias e desvio-padrão

Tendo como finalidade analisar as associações entre a comunicação parental e o afeto positivo e negativo, efetuou-se a análise correlacional entre os instrumentos utilizados (COMPA-A e PANAS). Através dos resultados obtidos na tabela 5, comprovou-se a existência de correlações significativas entre as variáveis em estudo.

A análise das dimensões da comunicação parental em relação ao pai e à mãe e o afeto positivo permitiu verificar relações estatisticamente significativas positivas de magnitude pequena a média ($r=-.25, p<.01$ a $r=-.40, p<.01$). Já em relação à análise das dimensões da comunicação parental em relação ao pai e à mãe e o afeto negativo, os resultados evidenciaram associações significativas negativas de magnitude pequena ($r=-.17, p<.05$ a $r=-.27, p<.01$).

Analisando as percepções dos adolescentes relativas à qualidade da comunicação experimentada na relação com o pai e o afeto positivo pode verificar-se uma associação positiva e significativa entre as dimensões da comunicação parental e o afeto positivo: **disponibilidade parental para a comunicação** ($r=.26, p<.01$), **confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores** ($r=.30, p<.01$), **expressão do afeto e apoio emocional** ($r=.28, p<.01$) e **metacomunicação** ($r=.25, p<.01$). Quanto à análise das percepções dos adolescentes em relação à qualidade da comunicação experimentada na relação com a mãe e o afeto positivo verificou-se uma relação positiva e significativa entre as dimensões da comunicação parental e o afeto positivo: **disponibilidade parental para a comunicação** ($r=.35, p<.01$), **confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores** ($r=.40, p<.01$), **expressão do afeto e apoio emocional** ($r=.34, p<.01$) e **metacomunicação** ($r=.31, p<.01$).

A análise da percepção dos adolescentes em relação à comunicação experimentada na relação com o pai e o afeto negativo revelou uma correlação negativa e significativa entre as dimensões da comunicação parental e o afeto negativo: **disponibilidade parental para a comunicação** ($r=-.27, p<.01$), **confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores** ($r=-.24, p<.01$), **expressão do afeto e apoio emocional** ($r=-.22, p<.01$) e **metacomunicação** ($r=-.23, p<.01$). Já a análise da percepção dos adolescentes em relação à comunicação estabelecida com a mãe e o afeto negativo, indicou uma correlação negativa e significativa entre as dimensões da comunicação parental e o afeto negativo: **disponibilidade parental para a comunicação** ($r=-.21, p<.01$), **confiança/partilha comunicacional de filhos**

para progenitores ($r=-.17, p<.05$), expressão do afeto e apoio emocional ($r=-.20, p<.01$) e metacomunicação ($r=-.20, p<.01$).

Tabela 5

Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões afeto positivo e negativo, médias e desvio-padrão (N=216)

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
Comunicação Parental										
1. Pai disponibilidade parental para a comunicação	1									
2. Mãe disponibilidade parental para a comunicação	.576**	1								
3. Pai confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.822**	.485**	1							
4. Mãe confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.400**	.783**	.530**	1						
5. Pai expressão do afeto e apoio emocional	.866**	.561**	.751**	.457**	1					
6. Mãe expressão do afeto e apoio emocional	.498**	.830**	.429**	.718**	.643**	1				
7. Pai metacomunicação	.891**	.569**	.823**	.471**	.831**	.526**	1			
8. Mãe metacomunicação	.529**	.852**	.515**	.795**	.591**	.806**	.662**	1		
Afetividade										
9. Afeto positivo	.262**	.349**	.295**	.399**	.279**	.336**	.247**	.306**	1	
10. Afeto negativo	-.273**	-.211**	-.239**	-.174*	-.224**	-.200**	-.230**	-.197**	.095	1
M	4.02	4.42	3.29	3.97	4.15	4.51	3.83	4.17	3.20	1.76
DP	.92	.67	1.02	.88	.96	.67	.88	.71	.63	.57

Nota: M= média, DP= desvio-padrão * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$

Análises preditivas: O papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental no afeto positivo e negativo

Para a análise das variáveis preditivas do afeto positivo e negativo recorreu-se à regressão linear, com o objetivo de verificar quais são as variáveis independentes que predizem

o afeto positivo e negativo. Assim, formaram-se três blocos: o bloco 1 refere-se à variável *dummy* sexo (sendo que o 0 corresponde ao sexo feminino e o 1 ao sexo masculino), o bloco 2 compreende as dimensões da comunicação parental relativa ao pai, e o bloco 3 compreende as dimensões da comunicação parental referentes à mãe, tal como observado na tabela 6.

Relativamente ao afeto positivo o bloco 2 apresenta um papel significativo [$F(4,210)=5.692$; $p=.000$] explicando 9.8% da variância total ($R^2=.098$) contribuindo individualmente com 9.8% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.098$). No que se refere ao bloco 3 este apresentou um contributo significativo [$F(4,206)=5.517$; $p=.000$] sobre o afeto positivo, explicando 18.5% da variância total ($R^2=.185$), contribuindo individualmente com 8.7% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.087$). Desta forma, a análise do papel de cada uma das dimensões do bloco 3, revelou que uma das variáveis deste bloco contribui significativamente, predizendo positivamente o afeto positivo, a **confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores** ($\beta=.360$).

Quanto ao afeto negativo, o bloco 2 contribui de forma significativa [$F(4,210)=4.324$; $p=.002$], explicando 7.8% da variância total ($R^2=.078$) contribuindo individualmente com 7.6% da variância do modelo ($R^2\text{change}=.076$). A análise do papel de cada uma das dimensões do bloco 2 revelou que uma das variáveis deste bloco contribui significativamente, predizendo negativamente o afeto negativo, a **disponibilidade parental para a comunicação** ($\beta=-.452$).

Tabela 6

Papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental no afeto positivo e negativo

	R^2	$R^2\text{Change}$	B	S.E.	β	t	P
AFETO POSITIVO							
Bloco 1	.000	.000					
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.098	.098					
Comunicação parental - Pai							
Disponibilidade parental para a comunicação							
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores							
Expressão do afeto e apoio emocional							
Metacomunicação							

Bloco 3	.185	.087				
Comunicação						
parental - Mãe						
Disponibilidade						
parental para a						
comunicação						
Confiança/partilha			.260	.097	.360	2.685 .008
comunicacional						
de filhos para						
progenitores						
Expressão do						
afeto e apoio						
emocional						
Metacomunicação						
AFETO						
NEGATIVO						
Bloco 1	.002	.002				
Sexo (dummy)						
Bloco 2	.078	.076				
Comunicação						
parental - Pai						
Disponibilidade			-.283	.138	-.452	-2.051 .042
parental para a						
comunicação						
Confiança/partilha						
comunicacional						
de filhos para						
progenitores						
Expressão do						
afeto e apoio						
emocional						
Metacomunicação						
Bloco 3	.091	.013				
Comunicação						
parental - Mãe						
Disponibilidade						
parental para a						
comunicação						
Confiança/partilha						
comunicacional						
de filhos para						
progenitores						
Expressão do						
afeto e apoio						
emocional						
Metacomunicação						

Nota: B= coeficientes, SE= erros standardizados, e β =beta para um nível de significância de $p<.05$

Discussão

O presente estudo teve como objetivo a análise diferencial da comunicação parental e do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes e do estado civil dos pais, explorar a associação entre a comunicação parental e o afeto positivo e negativo e analisar em que medida o sexo e a comunicação parental exercem um efeito preditor no afeto positivo e negativo dos adolescentes.

Relativamente às diferenças na comunicação parental em função da idade dos adolescentes, constatou-se que os adolescentes com 12 e 13 anos de idade perceberam uma maior qualidade na comunicação estabelecida com ambos os pais, quando comparados com os adolescentes com 14, 15, 16 anos de idade. Os resultados do estudo de López et al. (2005) corroboram este facto, indicando que na adolescência inicial os indivíduos evidenciam menos problemas de comunicação com os pais do que na adolescência média. Também Ramsey, Waithaka e Gitimu (2016) referem que a percepção dos adolescentes no que se refere à qualidade da relação estabelecida com os pais vai sofrendo alterações ao longo da adolescência, os adolescentes mais novos apresentam uma percepção mais positiva da relação estabelecida com os pais do que os adolescentes mais velhos. Laursen e Collins (2004) referem que a qualidade da comunicação parento-filial tende a diminuir em função do aumento do conflito e da diminuição da proximidade entre pais e filhos. Estas características tendem a intensificar-se na adolescência média, o conflito entre pais e filhos aumenta por norma entre os 14 e os 16 anos de idade (Ramsey et al., 2016) e a proximidade vai diminuindo gradualmente até à adultícia (Laursen & Collins, 2004). Como referido por Carvalho, Fernandes e Relva (2017) entre a infância e a adolescência os indivíduos vão conquistando, progressivamente, a sua independência, a qual será atingida por completo na adultícia.

Com base na análise das diferenças no afeto positivo e negativo em função da idade dos participantes, verificou-se que os indivíduos com 12 e 13 anos de idade perceberam maiores níveis de afeto positivo e menores níveis de afeto negativo quando comparados com os adolescentes com 14, 15 e 16 anos de idade. De acordo com Laursen e Collins (2004) e Steinberg e Silk (2002) ao longo da adolescência a proximidade entre pais e filhos tende a diminuir, facto que se reflete em diferenças na experiência afetiva dos mesmos, assim, quando comparados com os pré-adolescentes e os seus pais, os adolescentes e pais evidenciaram mais frequentemente afetos negativos e diminuição dos afetos positivos.

No que se refere à análise diferencial da comunicação parental em função do estado civil averiguou-se que filhos de pais solteiros, divorciados, casados ou em união de facto com

a madrasta/ ou outro, percecionam uma menor disponibilidade para a comunicação por parte do pai. O divórcio implica uma adaptação a uma realidade diferente, obrigando a uma reorganização económica, social e emocional, pelo que a disponibilidade dos pais face aos seus filhos pode sofrer alterações, implicando que haja uma menor disponibilidade percecionada por parte dos filhos após o divórcio (Ramsey et al., 2016). Ainda de acordo com Ramsey et al. (2016) os pais por norma recebem menor suporte por parte dos filhos do que as mães, facto que se evidencia mais quando estes são divorciados, e que se intensifica quando os pais voltam a casar. Segundo Portugal e Alberto (2010) com o divórcio a comunicação entre pais e filhos é das variáveis da relação parental que mais sofre alterações, este processo pode refletir-se no afastamento, conflitualidade e em uma comunicação de menor qualidade na relação entre pais e filhos, sendo que os indivíduos cujos pais estão divorciados quando comparados com os que vivem em famílias tradicionais evidenciam uma menor qualidade na comunicação estabelecida com os seus pais. Também filhos que vivem só com um dos pais percecionam uma menor qualidade na comunicação parental em comparação com os filhos que vivem com ambos os pais (Portugal & Alberto, 2015).

No que respeita à análise diferencial do afeto positivo e negativo em função do estado civil, constatou-se que filhos cujos pais se encontram solteiros, divorciados, casados ou em união de facto com a madrasta/o padrasto ou outro apresentam níveis mais baixos de afeto positivo comparativamente com filhos cujos pais se encontram casados ou em união de facto. De acordo com Portugal e Alberto (2015) os indivíduos que vivem em famílias monoparentais e pós divórcio com partilha da guarda do adolescente evidenciam um menor bem-estar quando comparados com os que vivem em famílias nucleares.

Os resultados do presente estudo revelam que as percepções dos jovens referentes à comunicação parental experimentada com a mãe e o pai se associam com o afeto positivo e negativo. Assim, verificou-se uma associação positiva entre as variáveis da comunicação parental (disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional, expressão do afeto e apoio emocional e metacomunicação) relativamente a ambos os progenitores e o afeto positivo, o que revela que quanto maior a qualidade da comunicação parental experimentada com ambos os pais maior o afeto positivo experimentado pelos adolescentes. Também se constatou uma associação negativa entre as variáveis da comunicação parental e o afeto negativo, o que evidencia que quanto maior a qualidade da comunicação experimentada com as ambas figuras parentais menor o afeto negativo experimentado pelos adolescentes. Nelson et al. (2009) referem que dependendo da forma como os pais respondem às emoções dos filhos, concedendo-lhes suporte ou não, podem

facilitar ou dificultar a sua experiência afetiva. Portugal e Alberto (2010, 2013) indicam que a abertura e a clareza do diálogo na comunicação entre pais e filhos permitem que o adolescente se desenvolva positivamente, tendo sentimentos mais positivos e menos conflitos. Os resultados dos estudos de Tomé et al. (2011) e Camacho et al. (2012) apontam na mesma direção demonstrando que à maior qualidade da comunicação parento-filial se associam maiores níveis de felicidade experimentados pelos adolescentes. A comunicação positiva entre pais e filhos parece, assim, contribuir de forma positiva para o bem-estar do adolescente (López et al., 2005; Martínez, 2013).

Por fim, verificou-se a existência de um papel preditor da comunicação parental no afeto positivo e negativo do adolescente. A confiança e partilha comunicacional dos adolescentes face à figura materna mostrou predizer positivamente o afeto positivo, o que indica que quanto maior for a confiança e a partilha a nível comunicacional dos adolescentes face às suas mães maior o seu afeto positivo. Droser (2013) enfatiza que os indivíduos que falam abertamente com os seus pais acerca dos seus sentimentos e vivências atendem mais facilmente aos conselhos dados pelas figuras parentais relativos ao modo como gerir os seus sentimentos. Como também referido por Chunga (2008) a comunicação familiar influencia os sentimentos e comportamentos do indivíduo, e assim, uma comunicação positiva contribui para que os indivíduos se sintam aceites e compreendidos, influenciando o seu bem-estar. Os adolescentes evidenciam partilhar mais assuntos pessoais e íntimos com mãe do que com o pai pelo que estes percecionam que as mães são mais atentas, disponíveis e demonstram uma maior aceitação face às suas opiniões (Wagner et al., 2005). De acordo com Almeida (2006) as mães que são mais atentas às emoções negativas dos seus filhos e que os orientam na regulação dessas emoções e estimulam e promovem a expressão de emoções positivas dos filhos facilitam a regulação emocional destes. Também mães responsivas manifestam, mais frequentemente, emoções positivas o que tem efeito sobre a expressividade emocional dos filhos (Almeida, 2006). Segundo Denham et al. (2007) as emoções manifestadas pelos pais constituem um fator de influência para a experiência emocional dos filhos, pelo que a expressão de emoções positivas por parte dos pais prevê a expressão de emoções positivas por parte dos filhos, contrariamente, a manifestação de emoções negativas por parte dos pais está associada à manifestação de emoções negativas por parte dos filhos. Também a perceção do adolescente relativa à disponibilidade parental para a comunicação, em relação ao pai, demonstrou predizer negativamente o afeto negativo, o que indica que quanto maior a disponibilidade do pai para a comunicação percecionada pelos adolescentes menor o afeto negativo experimentado por estes. De acordo com Almeida (2006) a disponibilidade dos pais, tanto física como afetiva tem efeito

sobre o afeto, pensamento e comportamento do indivíduo. Moniz (2016) refere que a ausência de abertura comunicacional entre pais e filhos dificulta a partilha e expressão de emoções e incertezas, e que pelo contrário, uma comunicação aberta e eficaz facilita a partilha de pensamentos e emoções entre pais e filhos. Como referido por Chunga (2008) quando as opiniões e sentimentos do indivíduo não são escutadas e consideradas estes tendem a sentir-se mais deprimidos e menos capazes, pelo que se pode verificar que a comunicação tem efeito sobre o bem-estar do indivíduo.

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O presente estudo mostrou-se relevante uma vez que possibilitou explorar a importância da comunicação parento-filial na afetividade do indivíduo. De evidenciar que de acordo com a pesquisa realizada, não foi encontrada nenhuma investigação que recorresse aos instrumentos utilizados no nosso estudo, COMPA e PANAS, para explorar as dimensões que analisamos, sendo que sobretudo o COMPA é um questionário recente e, portanto, ainda pouco utilizado. Assim, através dos resultados deste estudo, espera-se contribuir para um maior conhecimento acerca da importância que a comunicação parental tem sobre a afetividade dos adolescentes, e também para uma maior perceção acerca de como a comunicação entre pais e filhos diminui em famílias divorciadas, monoparentais e reconstruídas.

Com base nos resultados do presente estudo, foi possível constatar a necessidade de melhorar a comunicação parental para melhorar a afetividade do adolescente. Deste modo, é importante considerar a comunicação entre pais e filhos na prática psicológica, tanto no que se refere ao diagnóstico como na intervenção, sendo especialmente importante uma intervenção psicológica precoce com vista à diminuição dos efeitos adversos da comunicação parental na afetividade do adolescente. Assim, parece fundamental a criação de programas de intervenção/educação parental, nos quais se incluam os pais, para o desenvolvimento de competências comunicacionais tendo como finalidade promover uma comunicação parento-filial positiva e ao mesmo tempo o aumento do afeto positivo e a diminuição do afeto negativo.

Neste estudo foram evidentes algumas limitações, entre as quais, o facto de os instrumentos serem aplicados em contexto sala de aula, e constituírem medidas de autorrelato, o que pode ter influenciado os participantes a responderem tendo em conta o que é desejável socialmente podendo consequentemente contribuir para o enviesamento dos resultados. Outra limitação prende-se com o facto de terem de ser eliminados alguns questionários porque estavam em branco ou mal preenchidos o que levou à redução considerável do número de

participantes. Assim, outra limitação encontrada está associada com o tamanho da amostra, pelo que o seu número reduzido pode impedir a generalização dos dados.

Em estudos futuros, seria interessante analisar a percepção dos pais acerca da comunicação estabelecida com os filhos e a sua influência na experiência afetiva dos pais, dando uma abordagem mais abrangente da forma como a comunicação pode interferir no bem-estar emocional de todos os elementos que compõem a relação parento-filial: pai e filho e mãe e filho. E, igualmente importante, só se analisou um subsistema da família, o parental, e sabemos bem como, quando não se é filho único, o subsistema fraternal é importante, e a afetividade dos pais e dos adolescentes tem muito a ver com a relação que os adolescentes estabelecem com os seus irmãos, e a relação que os pais estabelecem com os outros filhos. Só uma visão sistémica de todas as relações familiares nos permite aproximarmo-nos mais da complexidade que é uma família.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora. (Obra original publicada em 2000).
- Almeida, M. B. M. (2006). *Socialização parental das emoções e a competência social da criança* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Lisboa.
- Almeida, A. D. (2015). *Avaliação entre o grau de concordância entre membros do par parental relativamente à comunicação entre pais e filhos* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Bireda, A. D., & Pillay, J. (2017). Perceived parent – child communication and wellbeing among Ethiopian adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth*, 2-9. doi: 10.1080/02673843.2017.1299016
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development*, 58, 1101-1113.
- Camacho, I., Tomé, G., Matos, M. G., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). A influência da monitorização parental e da comunicação com os pais no bem-estar e nos comportamentos de risco dos adolescentes. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 3(2), 315-336.
- Cava, M. J. (2003). Comunicación familiar y bienestar psicosocial en adolescentes. *Actas del VIII Congreso Nacional de Psicología Social*, 1(1), 23-27.

- Carvalho, T. B. N. (2015). *Estudo da influência da comunicação entre pais e filhos no funcionamento familiar numa amostra de Angola* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Carvalho, J., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). Family functioning and its relation to parental discipline. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 32(1), 1-14. doi: 10.1007/s10560-017-0501-9
- Cia, F., Pamplin, R. C., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16(35), 395-406. doi: 10.1590/S0103863X2006000300010
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Chunga, L. S. (2008). Niveles de satisfacción familiar y de comunicación entre padres e hijos. *Avaliação Psicológica*, 16(1), 110-137.
- Denham, S. A., Bassett, H. H., & Wyatt, T. (2007). The socialization of emotional competence. In J. E. Grusec & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 614-637). New York: Guilford Press.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Droser, V. A. (2013). *Talking the talk: An exploration of parent-child communication about cyberbullying* (Dissertação de Mestrado não publicada). Portland State University, Oregon, Estados Unidos da América. doi: 10.15760/etd.1439
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Trás-os-Montes, Vila Real.
- Fernandes, O. M. (2016). Que sol é este? O ciúme entre irmãos. *Pais & Filhos*, 48-52.
- Fleming, M. (2015). Família e adolescência: Perspectiva psicológica. In O. M. Fernandes e C. Maia (Eds.), *A família portuguesa no século XXI* (pp. 163-169). Lisboa: Parsifal.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): I – Abordagem teórica ao conceito de afecto. *Análise Psicológica*, 2(23), 209-218.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005a). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2(23), 219-227.

- Galinha, I. C., Pereira, C. R., & Esteves, F. (2014). Versão reduzida da escala portuguesa de afeto positivo e negativo – PANAS-VRP: Análise fatorial confirmatória e invariância temporal. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 28(1), 53-65.
- Larson, R. W., Moneta, G., Richards, M. H., & Wilson, S. (2002). Continuity, stability, and change in daily emotional experience across adolescence. *Child Development*, 73(4), 1151-1165.
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2004). Parent-child communication during adolescence. In A. L. Vangelisti (Ed.), *LEA's communication series. Handbook of family communication* (pp. 333-348). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- López, E. E., Ochoa, G. M. & Olaizola, J. H. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28(4), 81-89.
- Marotta, A. K. (2015). *The relationship between sibling relationship quality and psychological outcomes in emerging adulthood* (Tese de doutoramento não publicada), Columbia University.
- Martínez, A. C. (2013). Percepción de adolescentes de 12 y 16 años sobre la comunicación familiar. *Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología*, 6(1), 7-15.
- Moniz, M. M. (2016). *Percepção da parentalidade em crianças, adolescentes e pais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: Tests of the Spillover, Crossover, and Compensatory Hypotheses. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 671-679. doi:10.1037/a0015977.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 2(52), 387-400.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). A Comunicação parento-filial: estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 479-487.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013a). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 381-391.
- Portugal, A. M., & Marques, I. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-

- filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85-103. doi: 10.12804/apl32.1.2014.06
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA). In A. P. Relvas & S. Major (Eds.). *Avaliação Familiar - Funcionamento e Intervenção Vol. I* (pp. 44-67). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: 10.14195/978-989-26-0839-6_2
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2015). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes: estudo das variáveis sociodemográficas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1389-1400. doi: 10.1590/1413-81232015205.13222014
- Ramsey, M., Waithaka, A. G., & Gitimu, P. N. (2016). Influence of age and parental marital status on parent-child relationships: College students' perspective. *International Journal of Humanities and Social Science*, 6(1), 23-32.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Steinberg, L., & Silk, J. C. (2002). Parenting adolescents. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting Vol.1 Children and Parenting* (2nd Ed.), (pp. 103-133). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2011). A Influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 747-756.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P., & Silveira, P. G. (2005). Estratégias de comunicação familiar: A perspetiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 277-282

Estudo Empírico II:

A comunicação parental e a relação entre irmãos

Parental communication and the relationship between siblings

Resumo

A comunicação familiar, nomeadamente a comunicação entre pais e filhos, é extremamente importante, na medida em que influencia quer o desenvolvimento dos membros que constituem a família, quer a qualidade das relações estabelecidas entre eles. Deste modo, a comunicação parental, tem um efeito determinante sobre a relação estabelecida entre pais e filhos e a relação estabelecida entre os irmãos. O presente estudo teve como principal objetivo analisar a influência da comunicação parental sobre a relação fraterna. Neste sentido, recorremos a uma amostra de 209 indivíduos, com irmãos, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M=14.02$; $DP=1.27$). A recolha dos dados foi efetuada através dos seguintes instrumentos: um Questionário sociobiográfico; a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); e o *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann, & Lopes, 2016). Os resultados demonstraram que: 1) os adolescentes que frequentam o 7º e o 8º anos de escolaridade percebem uma maior qualidade na comunicação estabelecida com ambas as figuras parentais do que os adolescentes que frequentam o 9º e o 10º anos; 2) os indivíduos do sexo feminino experimentam uma maior empatia na relação com os seus irmãos do que os indivíduos do sexo masculino; 3) os adolescentes com idades entre os 12 e os 13 anos evidenciam experimentar maiores níveis de empatia na relação com os seus irmãos do que os adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos; 4) existe uma associação positiva entre a comunicação parental e as variáveis empatia e semelhanças; 5) a expressão do afeto e apoio emocional, relativamente à figura materna, prediz positivamente a manutenção dos limites na relação fraterna, e a metacomunicação prediz negativamente a manutenção dos limites entre os irmãos. Por fim, foram discutidos os resultados, e propuseram-se algumas linhas orientadoras para intervenção psicológica, nomeadamente, a implementação de um programa de intervenção/educação parental no qual sejam trabalhadas as competências comunicacionais, de todos os elementos do sistema familiar, no sentido de melhorar a comunicação parental e a fraterna, dado que são igualmente importantes para o bem-estar familiar.

Palavras-chave: Comunicação parental; relação entre irmãos; adolescência.

Abstract

Family communication, especially communication between parents and children, is extremely important insofar as it influences both the development of the family members and the quality of the relationships established between them. In this way, parental communication has a determining effect on the relationship established between parents and children and the relationship established between siblings. The main objective of this study was to analyze the influence of parental communication on the fraternal relationship. In this sense, we used a sample of 209 individuals, with siblings, aged between 12 and 16 years ($M=14.02$, $SD=1.27$). The data were collected through the following instruments: a sociobiographic questionnaire; the Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – adolescents version (COMPA-A, Portugal & Alberto, 2010); and the Brother-Sister Questionnaire – portuguese version (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann, & Lopes, 2016). The results showed that: 1) the adolescents who attend the 7th and 8th years of schooling perceive a higher quality in the communication established with both parental figures than the adolescents who attend the 9th and 10th years; 2) female subjects experience greater empathy in relation to their siblings than males; 3) adolescents aged 12 to 13 years experience higher levels of empathy in their relationship with their siblings than adolescents between the ages of 14 and 16; 4) there is a positive association between parental communication and empathy and similarity variables; 5) the expression of affection and emotional support, relative to the maternal figure, positively predicts the maintenance of the limits in the fraternal relationship, and metacommunication negatively predicts the maintenance of the boundaries between siblings. Finally, the results were discussed and some guidelines were proposed for psychological intervention, namely, the implementation of a parental intervention / education program in which the communicative competences of all the elements of the family system are worked out, in the sense of improve parental and fraternal communication as they are equally important for family well-being.

Keywords: Parental communication; sibling relationship; adolescence.

Introdução

Comunicação familiar

A comunicação familiar é medida através de determinadas competências, como, a escuta ativa e empatia face ao outro, a clareza do diálogo, a partilha de emoções sobre si e suas as relações, e o respeito (Olson, 2000).

A comunicação assume um papel fundamental no sistema familiar, na medida em que promove o funcionamento adequado da família (Bireda & Pillay, 2017), o desenvolvimento dos seus elementos (Carvalho, 2015; Portugal & Marques, 2014) e o seu bem-estar (Martínez, 2013). Deste modo, a comunicação estabelecida entre os diferentes membros da família influencia a qualidade do desenvolvimento familiar e individual (Carvalho, 2015). Como referido por Portugal e Alberto (2013), a comunicação define não só o funcionamento familiar global como também os relacionamentos estabelecidos dentro da família. Conforme Alarcão (2002) a comunicação é determinante para a compreensão das interações familiares, nomeadamente, a estrutura dos processos comunicacionais (e.g., as regras familiares), é a base das interações familiares, e permite perceber como funcionam estas interações, como se organizam, e a sua influência sobre o desenvolvimento da família e dos indivíduos que a constituem. Assim, os sistemas familiares equilibrados por norma apresentam uma comunicação bem sucedida, já os sistemas familiares desequilibrados evidenciam de modo geral uma comunicação pobre (Olson, 2000).

Especificamente, a comunicação é uma dimensão determinante da relação entre pais e filhos (Portugal & Alberto, 2013; 2013a; Portugal & Marques, 2014), a qual permite a compreensão acerca da dinâmica presente nesta relação (Carvalho, 2015; Portugal & Alberto, 2010; Relvas, 1996). A comunicação parento-filial compreende diferentes fatores, entre os quais, expressão afetiva e suporte emocional, disponibilidade comunicacional, confiança e partilha comunicacional e metacomunicação (Portugal & Alberto, 2013a). A comunicação fraternal, quando há mais do que um filho na família, interfere e está ligada à comunicação parental, pois todos os subsistemas familiares estão interligados (Alarcão, 2002).

A definição dos papéis ocupados pelos diferentes elementos da família, o estabelecimento de regras, os comportamentos a ter, e as funções exercidas por cada um são aspetos da relação parento-filial e da relação fraternal estabelecidos através da comunicação (Alarcão, 2002; Lee & Wong, 2009; Offrey & Rinaldi, 2014; Portugal & Marques, 2014; Relvas, 1996). Do mesmo modo, é também através da comunicação que os diferentes

elementos do sistema familiar partilham as suas necessidades, expressam as suas emoções e ambições (Bireda & Pillay, 2017).

A comunicação constitui um dos elementos do exercício da parentalidade mais relevantes para a socialização do indivíduo (Portugal & Alberto, 2013a). Assim, a comunicação parento-filial baseada em um diálogo bidirecional facilita a competência psicossocial do indivíduo (Önder & Yurtal, 2008; Steinberg & Silk, 2002), sendo que a explicação das normas e as expectativas claras face ao seu comportamento possibilitam que o indivíduo perceba o funcionamento das relações interpessoais, o que promove o seu desenvolvimento moral e empatia (Steinberg & Silk, 2002). Em contrapartida, a percepção por parte dos filhos de falta de abertura comunicacional na relação parental influencia de forma negativa o ajustamento psicossocial dos filhos (Martínez, 2013; Portugal & Marques, 2014). De acordo com Portugal e Alberto (2010) a comunicação parento-filial deficitária pode ser promotora de comportamentos desviantes e psicopatologias. Mas, havendo mais do que um filho, as questões relativas à parentalidade podem ser amplificadas ou diminuídas na relação entre os irmãos (Fernandes, 2000).

Relação entre irmãos

A relação entre irmãos constitui, por norma, a relação com maior longevidade na vida do indivíduo, podendo estabelecer-se até à morte de um dos irmãos (Relva, 2015). De acordo com Fernandes (2000, 2016b) a relação entre irmãos começa ainda antes do nascimento do bebé, ao longo da gravidez da mãe, fase na qual os pais têm um papel preponderante na preparação do filho para a chegada do seu irmão.

O início da relação entre os irmãos, na qual o primogénito passa de filho único a irmão concebe o estabelecimento da primeira relação social (Goldsmid & Ferés-Carneiro, 2007), a qual representa a primeira e mais próxima relação horizontal para ambos os irmãos, se as suas idades forem próximas, (Fernandes, 2015) que terá um efeito determinante, ao longo do tempo, no comportamento, pensamento e autoconceito de ambos os irmãos (Fernandes et al., 2007; Fernandes, 2016a). Esta díade irmão-irmão vai proporcionar a ambos experienciar as dinâmicas das relações sociais no contexto familiar antes de serem experimentadas com outros, em outros contextos (Goldsmid & Ferés-Carneiro, 2007).

Segundo Fernandes (2000) a relação fraterna desempenha um papel essencial, uma vez que promove a aquisição de aprendizagens a nível cognitivo e emocional, elementares para o desenvolvimento individual e social do sujeito. Deste modo, os irmãos intervêm no desenvolvimento socioemocional e cognitivo uns dos outros (Howe & Recchia, 2006; McHale,

Updegraff, & Whiteman, 2012; Mota et al., 2017; Tippet & Wolke, 2015) e, para além de favorecerem o desenvolvimento de certas capacidades, parecem constituir uma fonte de suporte fundamental na adaptação do indivíduo a distintos contextos e situações (Mota et al., 2017; Ripoll, Carrillo, & Castro, 2009).

É, pois, no contexto fraternal que são primordialmente obtidas e fomentadas as competências sociais que posteriormente serão utilizadas nas relações fora do contexto familiar (Ripoll et al., 2009). Assim, a interação diária e próxima entre os irmãos possibilita o desenvolvimento de algumas capacidades importantes entre as quais, a partilha, a disputa, a manipulação (Fernandes, 2000), a cooperação (Fernandes et al., 2007), a empatia (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; McHale et al., 2012; Soysal, 2016), a negociação (Fernandes, 2000; McHale et al., 2012; Ripoll et al., 2009) a resolução de conflitos (McHale et al., 2012; Ripoll et al., 2009; Soysal, 2016) a tomada de decisão (McHale et al., 2012) e a regulação emocional (Desautels, 2008; Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; Howe & Recchia, 2006; Soysal, 2016). Estas capacidades terão implicações na competência social do indivíduo, nomeadamente no relacionamento com os seus iguais (McHale et al., 2012). Desta forma, grande parte daquilo que é aprendido na interação com os irmãos pode ser transferido para as relações com os pares (Faith, Elledge, Newgent, & Cavell, 2015), influenciando significativamente as relações interpessoais que estes estabelecem posteriormente (Fernandes, 2016a; Mota et al., 2017).

O relacionamento entre irmãos é descrito por Graham-Bermann e Culter (1994) como funcional e benéfico quando há elevados níveis de empatia, limites definidos e são respeitados por ambos os irmãos, um grau adaptativo de diferenciação do *self* (equilíbrio entre as semelhanças e diferenças) e não é utilizada a coerção.

A relação fraterna engloba três fatores relevantes que a caracterizam: a intimidade, que potencia a manifestação de emoções tanto positivas como negativas de forma desinibida e intensa; a proximidade, que pode favorecer o apoio entre irmãos como atuar de forma contrária e favorecer a rivalidade e conflito; e as diferenças relacionais, que se referem à diferença na qualidade do relacionamento entre irmãos, onde existem relações positivas pautadas por apoio e afeto, e outras, que pelo contrário, são negativas e evidenciam elevados níveis de conflitualidade, rivalidade e agressividade (Howe & Recchia, 2006; Soysal, 2016). Segundo Marotta (2015) estas diferenças, na infância, revelam-se extremamente influentes no desenvolvimento e saúde mental do indivíduo. Contudo, as relações fraternas não são sempre positivas ou negativas, sendo por norma caracterizadas pela conjugação e oscilação de afetos positivos e negativos (Desautels, 2008). Assim, é importante que haja na relação fraterna, ao

longo do desenvolvimento dos irmãos, um equilíbrio e harmonização entre o que é positivo e negativo (Howe & Recchia, 2006).

A qualidade do relacionamento fraterno parece ter um efeito determinante sobre o ajustamento psicológico e social do indivíduo (Marotta, 2015; Mota et al., 2017; Ripoll et al., 2009; Tippet & Wolke, 2015). De acordo com Mota et al. (2017) a relação entre irmãos, se positiva, pode favorecer o ajustamento e desenvolvimento ótimo do indivíduo, assim como prevenir o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. Já segundo Marotta (2015), o relacionamento entre irmãos, se negativo, afeta negativamente o ajustamento psicossocial do indivíduo. Neste contexto, a relação positiva entre irmãos pode trazer vantagens para toda a vida, já as relações negativas podem repercutir-se no desenvolvimento do indivíduo de forma negativa (Howe & Recchia, 2006).

De acordo com o descrito na literatura, os relacionamentos fraternos que envolvem afeto e apoio têm implicações positivas na autoestima (Marotta, 2015; Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; Tippet & Wolke, 2015), na satisfação de vida (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011), na regulação emocional (Soysal, 2016), no relacionamento com os pares (Marotta, 2015; Ripoll et al., 2009; Tippet & Wolke, 2015), na prevenção de perturbações de natureza emocional (Mota et al., 2017) e de comportamentos desajustados (Ripoll et al., 2009). Por outro lado, as relações negativas entre irmãos que se caracterizam pelo conflito e violência relacionam-se com a manifestação de comportamentos de risco (Soysal, 2016), de problemas de comportamento e ansiedade (Tippet & Wolke, 2015), depressão, menor autoestima (Marotta, 2015) e problemas no relacionamento com os pares (Tippet & Wolke, 2015).

A influência da família na relação fraterna

A família envolve diferentes sistemas de relações, entre os quais, o individual, o conjugal, o parental e o fraterno, pelo que forma um sistema geral complexo, incluindo diferentes sujeitos, com diferentes características e relacionamentos numa unidade integrada (Alarcão, 2002; Prioste, Cruz, & Narciso, 2010). Deste modo, as relações fraternas e os seus efeitos sobre o desenvolvimento de cada um dos irmãos não podem ser analisados e compreendidos de forma isolada, há que ter em consideração outros subsistemas familiares, pois estes encontram-se interligados e influenciam-se mutuamente (Alarcão, 2002; Relva et al., 2016; Relvas, 1996).

Diferentes estudos e perspetivas evidenciaram que a qualidade da relação fraterna se encontra associada ao ambiente familiar no qual os irmãos vivem e às suas experiências e relação com os seus pais (East, 2009; East & Khoo, 2005; Ripoll et al., 2009).

A teoria dos sistemas familiares afirma que os sistemas relacionais que constituem a família estão interligados e que se influenciam uns aos outros (Derkman, Engels, Kuntsche, & Scholte, 2011; East, 2009; Scharf, Shulman, & Avigad-Spitz, 2005). Esta perspectiva, considerando a relação fraterna, refere que os elementos da família de forma individual, os subsistemas familiares e a família em geral influenciam a qualidade dos relacionamentos estabelecidos entre os irmãos, sendo que o reverso também acontece (East, 2009).

A teoria da vinculação declara que através das primeiras experiências com os pais, os indivíduos constroem modelos internos dinâmicos relativos aos relacionamentos, os quais serão centrais na construção e desenvolvimento da relação com os outros, nomeadamente com os irmãos (Derkman et al., 2011; Whiteman, McHale, & Soli, 2011). Assim, a insegurança dos filhos face à figura materna mostrou correlacionar-se com maiores níveis de conflitualidade e hostilidade entre os irmãos, pelo contrário, sentimentos de segurança face à mãe encontram-se associados a relações fraternas mais positivas (Whiteman et al., 2011).

East (2009) refere que o relacionamento entre irmãos, nomeadamente a ligação estabelecida entre eles, se encontra associado com a relação conjugal e a relação entre pais e filhos.

No que se refere à relação conjugal, a conflitualidade entre as figuras parentais influencia de forma negativa a qualidade da relação entre os irmãos (McHale et al., 2012; Oliva & Arranz, 2005) promovendo o conflito e violência na sua relação (McHale et al., 2012), embora haja autores que defendam o contrário: que quando há conflitualidade entre os pais, os filhos unem-se e apoiam-se mais uns aos outros, o que parece compreensível (ver Fernandes, 2000). As relações parento-filial e fraternais podem encontrar-se associadas, pela existência de uma associação positiva entre elas, na medida em que a relação entre pais e filhos positiva está associada à relação entre irmãos positiva, e a relação entre pais e filhos negativa está associada à relação entre irmãos negativa (McHale et al., 2012; Scharf et al., 2005). Mas também as relações parento-filiais negativas podem levar a que os irmãos estabeleçam relações mais positivas entre eles, como modo de compensação (McHale et al., 2012).

Relações parento-filiais positivas, coesas e harmoniosas (Oliva & Arranz, 2005) pautadas pela aceitação, a proximidade (Ripoll et al., 2009), o afeto (Ripoll et al., 2009; Scharf et al., 2005), o suporte (Oliva & Arranz, 2005), o envolvimento, baseadas no tratamento igualitário dos filhos (East, 2009), nas quais são promovidas estratégias de resolução de conflitos (Feinberg, Solmeyer, & McHale, 2012) associam-se à maior qualidade na relação entre irmãos (Derkman et al., 2011; East, 2009; Feinberg et al., 2012; McHale et al., 2012; Ripoll et al., 2009; Scharf et al., 2005). Contrariamente, relações negativas entre pais e filhos,

caracterizadas por uma disciplina rigorosa e um estilo de atuação parental autoritário (Feinberg et al., 2012), pelo conflito (Scharf et al., 2005) pela rejeição parental, pelo tratamento diferencial entre irmãos (Oliva & Arranz, 2005; Scharf et al., 2005) estão associadas à menor qualidade da relação fraterna (East, 2009; Feinberg et al., 2012; McHale et al., 2012; Oliva & Arranz, 2005; Scharf et al., 2005).

Especificamente, a relação entre pais e filhos positiva está associada com maiores níveis de afeto positivo entre os irmãos (Oliva & Arranz, 2005; Scharf et al., 2005), com menores níveis de rivalidade (Scharf et al., 2005), e conflito (East, 2009) com a maior empatia, comportamento pró-social e percepção de semelhança entre os irmãos (East, 2009). Já relações negativas entre pais e filhos, encontram-se associadas à ausência de suporte (East, 2009), à conflitualidade (Feinberg et al., 2012; McHale et al., 2012; Scharf et al., 2005) e à agressividade entre irmãos (East, 2009; McHale et al., 2012; Oliva & Arranz, 2005).

Os resultados do estudo de Samek e Rueter (2011) revelaram a existência da associação entre a comunicação familiar e a relação fraterna, indicando que aquela facilita a proximidade entre os irmãos, pela orientação para a comunicação e conformidade entre os diferentes elementos que constituem a família. Este foi o único estudo que encontramos que investigou diretamente a relação entre estas duas variáveis.

Como referido por Portugal e Alberto (2013) a comunicação define não só o funcionamento familiar global como também os relacionamentos estabelecidos dentro da família. Assim, torna-se essencial analisar e perceber como a comunicação entre pais e filhos, uma das variáveis mais relevantes da relação parento-filial, pode influenciar a relação entre irmãos. Relação esta extremamente importante uma vez que influencia o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos indivíduos (Howe & Recchia, 2006; McHale et al., 2012; Mota et al., 2017; Tippett & Wolke, 2015) tendo um efeito determinante sobre o seu ajustamento psicológico e social (Marotta, 2015; Mota et al., 2017; Ripoll et al., 2009; Tippett & Wolke, 2015).

O que leva as crianças e adolescentes a desenvolverem relações de menor qualidade com os seus irmãos? Esta explicação não é simples... Mas sabe-se que os pais podem contribuir para esse desenlace. Assim, explorar a influência da comunicação parental sobre a qualidade da relação fraterna, parece fundamental, uma vez que pode ajudar a responder a esta questão e dar-nos informações para o diagnóstico e intervenção nestes casos problemáticos.

Assim, e desta forma, o presente estudo tem como objetivo: (a) a análise diferencial da comunicação parental em função da escolaridade dos adolescentes; (b) a análise diferencial da relação fraterna em função do sexo e idade dos adolescentes; (c) explorar a associação entre a

comunicação parental e a qualidade da relação fraterna; e (d) analisar o efeito preditor do sexo e da comunicação parental na qualidade da relação fraterna.

Metodologia

Participantes

A amostra é constituída por 209 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M=14.02$; $DP=1.27$) que frequentam entre o 7º e 10º anos de escolaridade (34.9% do 7º ano, 15.8% do 8º ano, 19.1% do 9º ano e 30% do 10º ano), os quais são predominantemente do sexo feminino (63.2%). Em relação ao número de irmãos a maior parte dos sujeitos tem apenas um irmão (67.5%), 24.9% dos participantes tem dois, 4.3% tem três, 2.4% tem quatro e 1% tem cinco. Relativamente aos pais, o pai apresenta idades entre os 30 e os 67 anos ($M=46.69$; $DP=6.31$) e a mãe idades entre os 30 e 59 anos ($M=43.78$; $DP=5.58$), e 88.5% encontram-se casados ou em união de facto.

Procedimentos

A amostra foi recolhida de forma aleatória em quatro escolas secundárias do norte de Portugal. Primeiramente, procedeu-se ao pedido de autorização dirigido ao Diretor da escola através do *email* no qual se apresentou o estudo e os seus objetivos. Posteriormente seguiu-se uma reunião com os diretores e/ou equipa da direção das respetivas escolas onde foi explicado o procedimento de implementação do protocolo, sendo selecionadas por eles as turmas que iriam participar no estudo, sendo que esta escolha foi realizada com base na idade indivíduos tendo em conta a idade da amostra. Só numa das escolas foi possível estar presente para administrar os questionários, pelo que as restantes preferiram que a administração fosse realizada pelos diretores de turma ficando a recolha dos questionários à sua responsabilidade. Assim, após a identificação das turmas que iriam participar foram entregues os protocolos e respetivos consentimentos informados. O consentimento informado foi entregue aos pais primeiramente, e só os alunos que obtiveram a autorização destes puderam participar. Deste modo, os alunos que tiveram a autorização dos pais e que pretenderam por livre vontade participar responderam ao protocolo em contexto sala de aula. Relativamente à escola que permitiu a nossa administração foi possível fazermos uma breve apresentação dos objetivos do estudo, dar instruções e esclarecer as dúvidas dos alunos. Nas escolas que não foi possível estarmos presentes foram dadas instruções relativas à administração do protocolo ao diretor da escola e à equipa da direção para posteriormente serem dadas aos diretores de turma. Por fim,

de referir que foram assegurados todos os princípios éticos subjacentes à administração do protocolo, sendo garantido o seu carácter voluntário de participação, anonimato e confidencialidade. Os pais e os participantes foram informados de que os dados recolhidos através do protocolo iriam ser utilizados somente para fins de investigação.

Instrumentos

Um Questionário sociobiográfico – constituído por questões relativas ao indivíduo (género, idade, nível de escolaridade) e à sua família, designadamente pais (idade, estado civil e profissão) e irmãos (idade, género, número de irmãos, tipo de irmãos).

A Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMPA-A) (Portugal & Alberto, 2010). Esta escala tem como objetivo avaliar a comunicação entre pais e filhos, através da análise das perceções dos adolescentes (12 aos 16 anos) acerca da comunicação estabelecida na relação parento-filial (Portugal & Alberto, 2014). A avaliação deste instrumento é realizada através de uma escala de tipo Likert que está compreendida entre 1 e 5, o 1 representa nunca e o 5 sempre (Portugal & Alberto, 2015). Esta escala é composta por 39 itens agrupados em cinco subescalas: disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores, expressão do afeto e apoio emocional, metacomunicação e padrão comunicacional negativo (Portugal & Alberto, 2014; Portugal & Alberto, 2015). Na versão COMPA-A as questões relativas à comunicação que o adolescente tem com a mãe e com o pai avaliadas e respondidas em separado (Portugal & Alberto, 2015). No presente estudo, relativamente às propriedades psicométricas para a amostra, os valores de *alpha* de Cronbach das dimensões do COMPA-A de acordo com o género das figuras parentais: Mãe - disponibilidade parental para a comunicação ($\alpha=.95$), confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores ($\alpha=.90$), expressão do afeto e apoio emocional ($\alpha=.89$) metacomunicação ($\alpha=.91$); Pai - disponibilidade parental para a comunicação ($\alpha=.96$), confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores ($\alpha=.91$), expressão do afeto e apoio emocional ($\alpha=.90$) e metacomunicação ($\alpha=.92$). A dimensão padrão comunicacional negativo não foi utilizada no nosso estudo uma vez que os valores de *alpha* de Cronbach desta dimensão quer em relação ao pai quer em relação à mãe se apresentavam baixos ($\alpha=.50$) e ($\alpha=.59$), respetivamente. Em relação aos resultados da análise fatorial confirmatória para o COMPA-A mãe, o ajustamento dos valores foi confirmado sendo $\chi^2(56)=133.39$; $p=.000$; *Ratio*=2.38; CFI=.97; RMR=.029 e RMSEA=.08. Para o COMPA-A pai os valores dos ajustamento foram igualmente confirmados sendo $\chi^2(56)=98.68$; $p=.000$; *Ratio*=1.76; CFI=.99; RMR=.024 e RMSEA=.06

O Brother-Sister Questionnaire – versão portuguesa (Graham-Bermann & Cutler, 1994; aferido para a população portuguesa por Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann, & Lopes, 2016). Este instrumento permite avaliar a qualidade da relação fraterna através de 35 itens distribuídos por quatro dimensões: empatia, manutenção de limites, semelhanças e coerção. No preenchimento deste instrumento o indivíduo deve responder tendo em conta a relação com o irmão com o qual tem/tinha mais conflitos, avaliando cada item de acordo com uma escala de Likert de 1 (não muito) a 5 (muito), precisando assim, em que medida cada item caracteriza a relação com o seu irmão (Graham-Bermann & Culter, 1994; Relva et al., 2016). Em relação à amostra do presente estudo os resultados da análise de confiabilidade, nomeadamente os *alphas* de Cronbach foram os seguintes: empatia ($\alpha=.88$), manutenção de limites ($\alpha=.83$) e semelhanças ($\alpha=.75$). De evidenciar que pelo facto da dimensão coerção apresentar um *alpha* de Cronbach baixo ($\alpha=.47$) não foi possível utiliza-la neste estudo. No que diz respeito aos resultados da análise fatorial confirmatória para o BSQ, o ajustamento dos valores foi confirmado sendo $\chi^2(28)=93.82$; $p=.000$; *Ratio*=3.35; CFI=.94; RMR=.075 e RMSEA=.10

Análises estatísticas realizadas

A análise de dados estatísticos foi efetuada através do IBM SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*- versão 23) e através do IBM SPSS AMOS versão 24.

Num primeiro momento, foi criada uma base de dados no SPSS onde foram inseridos os dados amostrais recolhidos, seguindo-se a limpeza da base de dados com o objetivo de verificar e eliminar os *missings values* e *outliers* pelo que podiam influenciar negativamente a confiabilidade dos resultados do presente estudo. Para a análise dos *outliers* recorreu-se à distância de *Mahalanobis* e *Zscores*. Assim, mediante os resultados destas análises foram excluídos alguns participantes. Posteriormente, foi averiguada a normalidade da amostra com base na distribuição normal, pelo que foi possível a utilização de testes paramétricos, visto que o tamanho da amostra é superior a 30. De seguida foram analisadas as propriedades psicométricas dos diferentes instrumentos através da análise de confiabilidade realizada no SPSS, e a análise fatorial confirmatória realizada através do AMOS, o que permitiu avaliar a confiabilidade dos instrumentos assim como os seus valores de ajustamento.

No que respeita à análise dos dados estatísticos, recorreu-se ao *teste-t* para amostras independentes para explorar a existência de diferenças na comunicação parental em função da escolaridade dos adolescentes e na relação fraterna em função do sexo e idade dos adolescentes. Posteriormente, recorreu-se à análise das correlações de Pearson, tendo como objetivo a análise

da associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões da relação fraterna, médias e desvio padrão. Conforme Cohen (1988) as correlações cujos valores estão entre .10 e .29 ou -.10 e -.29 são pequenas, entre .30 e .49 ou -.30 e -.49 são médias, e entre .50 e 1.0 e -.50 e -1.0 são altas. Por fim, com o objetivo de analisar o papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental na relação fraterna recorreu-se à regressão múltipla hierárquica.

Resultados

Análise diferencial da comunicação parental e relação fraterna em função das variáveis sociodemográficas

Tendo com objetivo analisar em que medida as variáveis sociodemográficas têm efeito sobre a comunicação parental e a relação fraterna, recorreu-se ao *teste-t* para amostras independentes para realizar estas análises.

No que se refere à **escolaridade** foram concebidos dois grupos (o grupo 1 que compreende os indivíduos que frequentam o 7º e 8º anos, e o grupo 2 os que frequentam o 9º e 10º anos). Os resultados (tabela 1) demonstraram diferenças estatisticamente significativas na comunicação parento-filial, tanto no que respeita à comunicação estabelecida com a mãe como com o pai, em função da escolaridade. Assim, os indivíduos do grupo 1 (7º e 8º anos) perceberam uma melhor qualidade na comunicação com o pai do que os indivíduos do grupo 2 (9º e 10º anos) no que se refere a todas as variáveis que constituem a comunicação parental: **disponibilidade parental para a comunicação** [$t(207) = 2,351$; $p = .020$], com IC de 95% [.04, .55], grupo 1 ($M = 4.11$, $DP = .88$) e grupo 2 ($M = 3.81$, $DP = .96$); **confiança/ partilha comunicacional de filhos para progenitores** [$t(207) = 2,355$; $p = .019$], com IC de 95% [.05, .61], grupo 1 ($M = 3.40$, $DP = 1.06$) e grupo 2 ($M = 3.07$, $DP = .98$); **expressão do afeto e apoio emocional** [$t(207) = 2,750$; $p = .006$], com IC de 95% [.10, .62], grupo 1 ($M = 4.27$, $DP = .89$) e grupo 2 ($M = 3.91$, $DP = 1.01$); e **metacomunicação** [$t(207) = 2,427$; $p = .016$], com IC de 95% [.05, .54], grupo 1 ($M = 3.91$, $DP = .91$) e grupo 2 ($M = 3.61$, $DP = .88$). Relativamente à comunicação estabelecida com a mãe, evidenciou-se o mesmo padrão, sendo que os adolescentes que frequentam o 7º e 8º ano (grupo 1) perceberam uma melhor qualidade na comunicação com a mãe do que os adolescentes 9º e 10º ano (grupo 2) no que se refere às seguintes dimensões que compõem a comunicação parental: **disponibilidade parental para a comunicação** [$t(192) = 2,022$; $p = .045$], com IC de 95% [.00, .41], grupo 1 ($M = 4.44$, $DP = .64$) e grupo 2 ($M = 4.23$, $DP = .82$); **expressão do afeto e apoio emocional** [$t(194) = 2,394$; $p = .018$], com IC de 95% [.04, .46], grupo 1 ($M = 4.55$, $DP = .67$) e grupo 2 ($M = 4.29$, $DP = .84$); e

metacomunicação [$t(207)= 2,020$; $p=.045$], com IC de 95% [.00, .43], grupo 1 ($M=4.20$, $DP=.73$) e grupo 2 ($M=3.98$, $DP=.84$).

Tabela 1

Análise diferencial da comunicação parental em função da escolaridade dos adolescentes

COMPA-A	Escolaridade	M ± DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Pai				
Disponibilidade parental para a comunicação	1-7º-8º	4.11±.88	[.04, .55]	2<1
	2-9º-10º	3.81±.96		
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	1-7º-8º	3.40±1.06	[.05, .61]	2<1
	2-9º-10º	3.07±.98		
Expressão do afeto e apoio emocional	1-7º-8º	4.27±.89	[.10, .62]	2<1
	2-9º-10º	3.91±1.01		
Metacomunicação	1-7º-8º	3.91±.91	[.05, .54]	2<1
	2-9º-10º	3.61±.88		
Mãe				
Disponibilidade parental para a comunicação	1-7º-8º	4.44±.64	[.00, .41]	2<1
	2-9º-10º	4.23±.82		
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	1-7º-8º	3.97±.80	[-.09, .40]	n.s.
	2-9º-10º	3.81±1.01		
Expressão do afeto e apoio emocional	1-7º-8º	4.55±.67	[.04, .46]	2<1
	2-9º-10º	4.29±.84		
Metacomunicação	1-7º-8º	4.20±.73	[.00, .43]	2<1
	2-9º-10	3.98±.84		

Nota: COMPA-A – Escala de avaliação da comunicação na parentalidade, forma A, M = Média; DP = Desvio Padrão; $IC95\%$ = intervalo de confiança a 95%

Em relação ao **sexo** foram constituídos dois grupos (o grupo 1 – sexo masculino, e o grupo 2 – sexo feminino). Os resultados (tabela 2) evidenciaram diferenças estatisticamente significativas na qualidade da relação fraterna em função do sexo dos adolescentes, relativamente à empatia [$t(207)= -2,255$; $p=.025$] com IC de 95% [-.46, -.03], assim, os sujeitos do grupo 2, sexo feminino, evidenciaram experimentar maiores níveis de empatia na relação com os seus irmãos ($M=3.80$, $DP=.71$) do que os sujeitos do grupo 1, sexo masculino, ($M=3.56$, $DP=.82$).

Tabela 2

Análise diferencial da relação fraterna em função do sexo dos adolescentes

BSQ	Sexo	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Empatia	1-Masculino	3.56±.82	[-.46, -.03]	2>1
	2-Feminino	3.80±.71		
Manutenção de limites	1-Masculino	3.59±1.00	[-.21, .35]	n.s
	2-Feminino	3.52±.99		
Semelhanças	1-Masculino	2.71±.72	[-.35, .05]	n.s
	2-Feminino	2.86±.71		

Nota: BSQ – *Brother-Sister Questionnaire*, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= intervalo de confiança 95%

Para analisar a **idade** (tabela 3) foram criados dois grupos (grupo 1 que compreende indivíduos com 12 e 13 anos, e o grupo 2 com 14, 15 e 16 anos). Os resultados desta análise revelam diferenças estatisticamente significativas na qualidade da relação fraterna em função da idade, nomeadamente no que se refere à empatia [$t(207)= 2,534$; $p=.012$], com IC de 95% [.06, .49]. Deste modo, os indivíduos do grupo 1, com 12 e 13 anos de idade, percecionam maiores níveis de empatia ($M=3.90$, $DP=.68$) na relação com os seus irmãos do que os indivíduos do grupo 2, com 14, 15 e 16 anos de idade ($M=3.62$, $DP=.79$).

Tabela 3

Análise diferencial da relação fraterna em função da idade dos adolescentes

BSQ	Idades	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Empatia	1-12-13	3.90±.68	[.06, .49]	2<1
	2-14-16	3.62±.79		
Manutenção de limites	1-12-13	3.44±1.16	[-.46, .14]	n.s
	2-14-16	3.61±.90		
Semelhanças	1-12-13	2.83±.76	[-.16, .25]	n.s
	2-14-16	2.79±.69		

Nota: BSQ – *Brother-Sister Questionnaire*, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= intervalo de confiança 95%

Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões da relação fraterna, médias e desvio-padrão

Tendo como objetivo analisar as associações entre a comunicação parental e a qualidade da relação fraterna segundo a perceção dos adolescentes, efetuou-se a análise das correlações

entre os instrumentos utilizados (COMPA-A e BSQ). Através dos resultados obtidos na tabela 4, verificou-se a existência de correlações significativas entre as variáveis em estudo.

Com base na análise das dimensões da comunicação parental, pai e mãe, e da relação fraterna, verificaram-se associações significativas positivas de magnitude baixa a média entre todas as dimensões da comunicação parental e a empatia e entre algumas dimensões da comunicação parental relativas à mãe (disponibilidade parental para a comunicação, a confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores relativamente e a metacomunicação relativa à mãe) e uma dimensão da comunicação relativa ao pai (confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores) e a percepção de semelhança entre irmãos ($r=.34, p<.01$ a $r=.16, p<.05$).

Relativamente às análises de associação entre a comunicação parental relativa ao pai e as dimensões da relação fraterna os resultados são os seguintes: verificou-se uma associação positiva e significativa entre a **disponibilidade parental para a comunicação** e a dimensão da relação fraterna: **empatia** ($r=.28, p<.01$); constatou-se também uma associação positiva e significativa entre a **confiança/ partilha comunicacional de filhos para progenitores** e as dimensões da relação fraterna: **empatia** ($r=.28, p<.01$) e **semelhanças** ($r=.16, p<.05$); no que se refere à **expressão do afeto e apoio emocional** constatou-se uma associação positiva e significativa entre esta e a dimensão da relação fraterna: **empatia** ($r=.28, p<.01$); e quanto à **metacomunicação** constatou-se uma associação positiva e significativa entre esta e a dimensão da relação fraterna: **empatia** ($r=.28, p<.01$). Já, relativamente às análises de associação entre a comunicação parental relativa à mãe e as dimensões da relação fraterna, os resultados foram os seguintes: verificou-se uma associação significativa e positiva entre a **disponibilidade parental para a comunicação** e as dimensões da relação fraterna: **empatia** ($r=.34, p<.01$), e **semelhanças** ($r=.19, p<.01$); averiguou-se uma associação significativa e positiva entre a **confiança/ partilha comunicacional e filhos para progenitores** e as dimensões da relação fraterna: **empatia** ($r=.30, p<.01$), e **semelhanças** ($r=.21, p<.01$); constatou-se uma associação significativa e positiva entre a **expressão do afeto e apoio emocional**, e a dimensão da relação fraterna: **empatia** ($r=.33, p<.01$); e verificou-se uma associação significativa e positiva entre a **metacomunicação** e as dimensões da relação fraterna: **empatia** ($r=.30, p<.01$), e **semelhanças** ($r=.16, p<.05$).

Tabela 4

Associação entre as dimensões da comunicação parental e as dimensões da relação fraterna, médias e desvio-padrão (N=209)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Comunicação parental											
1.Pai disponibilidade parental para a comunicação	1										
2.Mãe disponibilidade parental para a comunicação	.592**	1									
3.Pai confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.818**	.442**	1								
4. Mãe confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.404**	.816**	.476**	1							
5. Pai expressão do afeto e apoio emocional	.862**	.607**	.746**	.469**	1						
6. Mãe expressão do afeto e apoio emocional	.515**	.873**	.382**	.743**	.666**	1					
7. Pai metacomunicação	.877**	.569**	.821**	.473**	.830**	.534**	1				
8. Mãe metacomunicação	.525**	.863**	.457**	.815**	.606**	.837**	.650**	1			
Relação fraterna											
9. Empatia	.284**	.335**	.279**	.300**	.283**	.331**	.273**	.299**	1		
10.Manutenção dos limites	.093	-.028	.080	-.011	.076	.031	.088	-.047	.147*	1	
11. Semelhanças	.112	.186**	.155*	.214**	.078	.135	.071	.157*	.505**	-.273**	1
M	3.96	4.34	3.24	3.89	4.09	4.42	3.76	4.09	3.71	3.55	2.81
DP	.93	.74	1.03	.91	.96	.77	.91	.79	.76	.99	.72

Nota: M=média, DP= desvio-padrão * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$

Análises preditivas: O papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental na relação fraterna

Com a finalidade de analisar em que medida as variáveis como o sexo e a comunicação parental predizem a qualidade da relação fraterna recorreu-se à regressão múltipla hierárquica. Assim, formaram-se três blocos: o bloco 1 refere-se ao sexo (*dummy*) (em que 0 corresponde

ao sexo feminino e 1 ao sexo masculino), o bloco 2 engloba as dimensões da comunicação parental relativa ao pai, e o bloco 3 envolve as dimensões da comunicação parental referentes à mãe, tal como observado na tabela 5.

Relativamente à **empatia** o bloco 1 apresenta um contributo significativo [$F(1,207)=5.083$; $p=.025$] explicando 2.4% da variância total ($R^2=.024$), contribuindo individualmente com 2.4% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.024$). No que se refere ao bloco 2 este apresentou um contributo significativo [$F(4,203)=5.480$; $p=.000$] sobre a empatia, explicando 11.9% da variância total ($R^2=.119$), contribuindo individualmente com 9.5% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.095$). Em relação ao bloco 3 este mostrou contribuir de forma significativa [$F(4,199)=2.948$; $p=.021$], explicando 16.8 % da variância total ($R^2=.168$) contribuindo individualmente com 4.9% da variância do modelo ($R^2_{change}=.049$).

No que se refere à **manutenção de limites**, o bloco 3 apresenta um contributo significativo [$F(4,199)=2.703$; $p=.032$], explicando 6.1% da variância total ($R^2=.061$) contribuindo individualmente com 5.1% da variância do modelo ($R^2_{change}=.051$). A análise do papel de cada uma das dimensões do bloco 3 revelou que duas das variáveis deste bloco evidenciam uma contribuição significativa ($p\leq .05$), uma predizendo positivamente e outra negativamente a manutenção dos limites: **expressão do afeto e apoio emocional** ($\beta=.400$) e a **metacomunicação** ($\beta=-.414$)

Tabela 5

Papel preditor do sexo e das dimensões da comunicação parental na relação fraterna

	R^2	R^2_{Change}	B	S.E.	β	t	p
EMPATIA							
Bloco 1	.024	.024					
Sexo (dummy)			-.246	.109	-.155	-2.255	.025
Bloco 2	.119	.095					
Comunicação parental -Pai							
Disponibilidade parental para a comunicação							
Confiança/partilha comunicacional							
de filhos para progenitores							
Expressão do afeto e apoio emocional							
Metacomunicação							
Bloco 3	.168	.049					

Comunicação						
parental – Mãe						
Disponibilidade						
parental para a						
comunicação						
Confiança/partilha						
comunicacional						
de filhos para						
progenitores						
Expressão do						
afeto e apoio						
emocional						
Metacomunicação						
MANUTENÇÃO						
DE LIMITES						
Bloco 1	.001	.001				
Sexo						
Bloco 2	.010	.009				
Comunicação						
parental -Pai						
Disponibilidade						
parental para a						
comunicação						
Confiança/partilha						
comunicacional						
de filhos para						
progenitores						
Expressão do						
afeto e apoio						
emocional						
Metacomunicação						
Bloco 3	.061	.051				
Comunicação						
parental - Mãe						
Disponibilidade						
parental para a						
comunicação						
Confiança/partilha						
comunicacional						
de filhos para						
progenitores						
Expressão do			.517	.233	.400	2.216
afeto e apoio						.028
emocional						
Metacomunicação			-.519	.241	-.414	-2.158
SEMELHANÇAS						.032
Bloco 1	.010	.010				
Sexo						
Bloco 2	.052	.041				

Comunicação parental -Pai Disponibilidade parental para a comunicação Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores Expressão do afeto e apoio emocional Metacomunicação		
Bloco 3	.089	.037
Comunicação parental - Mãe Disponibilidade parental para a comunicação Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores Expressão do afeto e apoio emocional Metacomunicação		

Nota: B= coeficientes, SE= erros standardizados, e β =beta para um nível de significância de $p<.05$

Discussão

O presente estudo teve como objetivo a análise diferencial da comunicação parental em função da escolaridade dos adolescentes, a análise diferencial da relação fraterna em função do sexo e idade dos adolescentes, explorar a associação entre a comunicação parental e a qualidade da relação fraterna, e analisar o efeito preditor do sexo e comunicação parental na qualidade da relação fraterna.

No que se refere às diferenças na comunicação parental em função da escolaridade dos adolescentes, verificou-se que os adolescentes que frequentam o 7º e o 8º anos percebem uma maior qualidade na comunicação estabelecida com ambas as figuras parentais do que os adolescentes que frequentam o 9º e 10º anos. Os resultados do estudo de López et al. (2005) são consistentes com estes nossos resultados, indicando que na adolescência inicial os indivíduos evidenciam menos problemas de comunicação com os pais do que na adolescência média, sendo que na adolescência inicial, por norma, se encontram os indivíduos que

frequentam entre o 7º e o 8º anos e na adolescência média os indivíduos que frequentam entre o 9º e o 10º anos.

Através da análise das diferenças na qualidade da relação fraterna em função do sexo dos adolescentes, constatou-se que os indivíduos do sexo feminino experimentam uma maior empatia na relação com os seus irmãos do que os indivíduos do sexo masculino. Lam, Solmeyer, e McHale (2012) referem que, de uma forma em geral, os indivíduos do sexo feminino manifestam níveis mais elevados de empatia dos que os indivíduos do sexo masculino. Também Oliva e Arranz (2005) apontam na mesma direção indicando que por norma os indivíduos do sexo feminino investem mais nos relacionamentos familiares a nível emocional. Os resultados do estudo de Samek e Rueter (2011) também revelam que são as meninas quando comparadas com os meninos que evidenciam maiores níveis de proximidade na relação com os seus irmãos.

No que se refere à análise diferencial da qualidade da relação fraterna em função da idade dos adolescentes, verificou-se que os adolescentes com idades entre os 12 e os 13 anos evidenciam experimentar maiores níveis de empatia na relação com os seus irmãos do que os adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos. A empatia na relação entre irmãos foi avaliada neste estudo com base no sentimento de proximidade entre irmãos, a preocupação e o cuidado entre os irmãos, e a compreensão emocional entre os mesmos (Relva et al., 2016). Este resultado pode surgir motivado pelas diferenças na relação entre os irmãos que vão surgindo com a adolescência, como foi referido por McHale et al. (2012): com a idade, a relação entre irmãos vai sofrendo alterações. Na fase da adolescência podem ser apontadas algumas características distintivas no relacionamento entre irmãos, como a diminuição dos conflitos, um relacionamento mais igualitário, e menos próximo acompanhado pela redução da intensidade afetiva da relação (East, 2009). Como disseram Sharf et al. (2005) ao longo da adolescência, com o incremento da autonomia e separação a nível emocional da família vai-se verificando uma diminuição progressiva da proximidade entre os irmãos. Os resultados do estudo de Lam et al. (2012) parecem explicar o encontrado no presente estudo, uma vez que estes autores verificaram que à maior proximidade entre irmãos se associam maiores níveis de empatia, o que nos leva a considerar que ao longo da adolescência, com a diminuição da proximidade entre irmãos, os níveis de empatia entre estes vão diminuindo também.

No que se refere à associação entre as dimensões da comunicação parental e da relação fraterna, verificou-se uma associação positiva entre todas as variáveis da comunicação parental (*disponibilidade parental para a comunicação; confiança/partilha comunicacional; expressão do afeto e apoio emocional; e metacomunicação*), referentes ao pai e à mãe, e a variável da

relação fraterna *empatia*, o que indica que quanto maior a qualidade da comunicação parento-filial maior é a empatia experimentada na relação fraterna. Também algumas variáveis da comunicação parental (*disponibilidade parental para a comunicação em relação à mãe; a confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores em relação à mãe e ao pai; e a metacomunicação relativa à mãe*) se associaram positivamente com a variável da relação fraterna *semelhanças* o que evidencia que quanto maior a qualidade da comunicação parento-filial mais os irmãos se percebem como semelhantes. Lam et al. (2012) indicam que as figuras parentais podem favorecer a empatia dos filhos, através do diálogo acerca das emoções ou do reforço em função de comportamentos positivos como o cuidar e ajudar o outro. Estes resultados são corroborados por East (2009), que afirma que o relacionamento parento-filial positivo se associa com maiores níveis de empatia e com a maior percepção de semelhanças entre irmãos. Embora não se encontrem estudos que estabeleçam a associação entre a comunicação parento-filial e as dimensões da relação fraterna investigadas no presente estudo (empatia, manutenção dos limites e semelhanças) sabe-se que a comunicação parento-filial, além de ser uma dimensão muito importante da relação parento-filial, influencia a qualidade desta relação, pelo que podemos ter em consideração a afirmação de East (2009) para a justificação deste resultado. Também Samek e Rueter (2011) encontraram no seu estudo que a comunicação parento-filial facilita a proximidade entre os irmãos. E segundo Lam et al. (2012) à maior proximidade entre irmãos associam-se maiores níveis de empatia.

Por fim, verificou-se o efeito preditor das variáveis da comunicação parental e do sexo na relação fraterna. Assim, através dos resultados do presente estudo verificou-se que o sexo feminino exerce um efeito preditor na empatia experimentada na relação entre irmãos. De acordo com Lam et al. (2012), de forma geral, os indivíduos do sexo feminino manifestam níveis mais elevados de empatia dos que os indivíduos do sexo masculino. Herrick (2008) corrobora os resultados verificados, afirmando que o sexo é um fator extremamente influente na relação fraterna, pois os indivíduos do sexo feminino, comparativamente aos do sexo masculino, estabelecem relações de maior proximidade, com níveis maiores de apoio emocional e são mais cooperativos face aos seus irmãos.

Constatou-se também que a expressão do afeto e apoio emocional, relativamente à figura materna, prediz positivamente a manutenção dos limites na relação fraterna, ou seja, quanto maior for a expressão do afeto e apoio emocional entre o adolescente e a mãe maior a manutenção dos limites na relação entre os irmãos. Graham-Bermann e Cutler (1994) e Relva et al. (2016) verificaram que o estabelecimento de limites adequados entre os irmãos, ou seja, o respeito pelo espaço do outro, tanto a nível físico como psicológico, constitui um fator que

facilita o estabelecimento de uma relação fraterna de maior qualidade. Os nossos resultados parecem ser consistentes com a afirmação de Derkman et al. (2011) que refere que o relacionamento entre a mãe e filho positivo favorece o estabelecimento de um relacionamento positivo entre irmãos. Segundo Portugal e Alberto (2013a) a manifestação do afeto promove o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais. Também Burleson (2003) indica que o apoio emocional tem implicações revelantes, dado que este pode contribuir para que a pessoa que o recebe se sinta melhor, lide com os seus problemas de modo mais eficiente, podendo refletir-se também positivamente na sua saúde.

Já a metacomunicação, em relação à mãe, prediz negativamente a manutenção dos limites entre irmãos, o que revela que quanto menor a metacomunicação maior é a manutenção de limites entre os irmãos. Como referido por Graham-Bermann e Cutler (1994) as relações dentro do sistema familiar devem ser marcadas pela definição de limites razoáveis, assim, embora seja importante haver limites, estes não devem ser demasiado rígidos, porque deste modo não são adaptativos. Deste modo, a relação entre estas variáveis ser negativa parece ser congruente uma vez que metacomunicação promove o bem-estar dos indivíduos e o desenvolvimento quer do sistema familiar em geral quer dos indivíduos que o compõem em particular, prevenindo comportamentos familiares e sociais desadaptativos (Portugal & Alberto, 2013a). Como referido por Alarcão (2002) “(...) a metacomunicação constitui uma condição *sine qua non* da comunicação bem sucedida ou da comunicação funcional” (p.70).

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O presente estudo deu a conhecer o importante papel que a comunicação parental assume na qualidade da relação entre irmãos. Através deste estudo, pretende-se facultar um maior conhecimento acerca da importância da comunicação parental na relação entre irmãos, e, conseqüentemente, incentivar o desenvolvimento de novos estudos dentro desta temática, para que esta seja mais aprofundada. As relações entre irmãos têm sido os parentes pobres no estudo das famílias e dos indivíduos (Fernandes, 2000), e como ficou bem vincado neste nosso estudo, as relações parentais estão indissociadas das relações na fratria. Sempre que há mais do que um filho numa família, importa incluir essa variável do subsistema fraterno, para termos uma visão mais verdadeira do sistema familiar como um todo.

Espera-se, também, que os resultados deste estudo possam contribuir para fins de diagnóstico e de intervenção psicológica. Deste modo, em casos nos quais os indivíduos manifestem relações com os seus irmãos de menor qualidade será importante explorar a questão da comunicação parental. No que se refere à intervenção psicológica, é essencial que

seja iniciada precocemente, e orientada para a conquista, desenvolvimento e consolidação de uma comunicação de maior qualidade entre pais e filhos, para que possam ser diminuídas as consequências negativas de uma comunicação parento-filial negativa sobre a qualidade do relacionamento fraterno. Esta intervenção pode consequentemente prevenir efeitos adversos quer da comunicação parental negativa quer da relação fraterna de menor qualidade para o desenvolvimento e funcionamento do indivíduo. Assim, a implementação de um programa de intervenção/educação parental, que ofereça um espaço no qual, pais, filhos e irmãos possam adquirir, desenvolver, e consolidar competências comunicacionais, parece ser crucial para o estabelecimento de uma comunicação familiar positiva e, consequentemente, para o estabelecimento de uma relação fraterna positiva.

Neste estudo, foram encontradas algumas limitações, sendo uma delas associada com o tamanho da amostra, sendo que o número reduzido de participantes pode impedir a generalização dos resultados. Outra das limitações prende-se com o facto de os instrumentos serem aplicados em sala de aula, e constituírem medidas de autorrelato o que pode levar ao enviesamento dos resultados, pelo que os participantes podem responder de acordo com o que consideram ser socialmente aceite.

Em relação a estudos futuros, seria pertinente investigar mais acerca de como a comunicação parental e fraterna podem influenciar a qualidade da relação fraterna, explorando os efeitos destas sobre a violência entre irmãos, e este estudo seria inovador, uma vez que a violência entre irmãos é um tema ainda muito pouco abordado, ainda que apresente uma prevalência considerável. Conforme Fernandes, Relva, Rocha, e Alarcão (2016) e Relva (2015) poucos estudos se debruçaram sobre a violência entre irmãos, tanto a nível nacional como internacional, embora a violência no contexto fraterno seja um fenómeno que conta com uma prevalência elevada. Tal facto foi constatado por Relva, Fernandes, Alarcão, e Martins (2014), que verificaram uma elevada prevalência de violência entre os irmãos na adolescência, especialmente no início seu início, existindo reciprocidade nas interações violentas entre os irmãos. Deste modo, embora a violência entre irmãos seja um fenómeno ao qual não lhe tem sido dedicada a devida atenção, sendo apresentados *handicaps* à sua aceitação e reconhecimento esta parece ser a forma de violência intrafamiliar mais prevaiente (Relva, Fernandes, Alarcão, 2012).

Referências bibliográficas

Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora. (Obra original publicada em 2000).

- Bireda, A. D., & Pillay, J. (2017). Perceived parent – child communication and wellbeing among Ethiopian adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth*. 2-9. doi: 10.1080/02673843.2017.1299016
- Burleson, B. R. (2003). Emotional support skill. In J. O. Greene & B. R. Burleson (Eds.), *Handbook of Communication and Social Interaction Skills* (pp. 551-594). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Carvalho, T. B. N. (2015). *Estudo da influência da comunicação entre pais e filhos no funcionamento familiar numa amostra de Angola* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Derkman, M., Rutger C., Engels, R., Kuntsche, E., Vorst, H., & Scholte, R. (2011). Bidirectional associations between sibling relationships and parental support during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 40, 490-501. doi: 10.1007/s10964-010-9576-8
- Desautels, M. (2008). *Sibling relationships*. (Tese de doutoramento). University of Birmingham, Birmingham.
- East, P. L. (2009). Adolescents' relationships with siblings. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook on Adolescent Psychology: Contextual Influences on Adolescent Psychology* (pp. 43-73). Hoboken, NJ: Wiley
- Feinberg, M. E., Solmeyer, A. R. & McHale, S. M. (2012). The third rail of family systems: sibling relationships, mental and behavioral health, and preventive intervention in childhood and adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(1), 43-57. doi:10.1007/s10567-011-0104-5.
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Trás-os-Montes, Vila Real.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, V. J. (2007). Posição da fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300001
- Fernandes, O. M. (2015). Famílias com um filho versus famílias com dois ou mais filhos. In O. M. Fernandes & C. Maia (Eds.), *A família portuguesa no século XXI* (pp. 71-78). Lisboa: Parsifal.
- Fernandes, O. M., Relva, I. C., Rocha, M., & Alarcão, M. (2016). Estudo da validade de construto das *Revised Conflict Tactics Scales* – versão irmãos. *Motricidade*, 12(1), 69-82. doi: 10.6063/motricidade.6182

- Fernandes, O. M. (2016a). Relação entre irmãos: orientações para os pais quando nasce mais um filho. *A Nossa Gravidez*, 22-24.
- Fernandes, O. M. (2016b). Que sol é este? O ciúme entre irmãos. *Pais & Filhos*, 48-52.
- Graham-Bermann, S. A., & Cutler, S. E. (1994). The Brother-Sister Questionnaire: Psychometric assessment and discrimination of well-functioning from dysfunctional relationships. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 224-238.
- Goldsmid, R., & Ferés-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-308.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771-787.
- Herrick, P. (2008). *Turning points of closeness in the sibling relationship* (Dissertação de Mestrado não publicada). Baylor University, Waco.
- Howe, N., & Recchia, H. (2006). Relações entre irmãos e seu impacto no desenvolvimento das crianças. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*, 1-6.
- Lam, C. B., Solmeyer, A. R., & McHale, S. M. (2012). Sibling relationships and empathy across the transition to adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(12), 1657-1670. doi:10.1007/s10964-012-9781-8.
- Lee, S., & Wong, D. (2009). School, parents, and peer factors in relation to Hong Kong students' bullying. *International Journal of Adolescence and Youth*, 15 (3), 217-233. doi: 10.1080/02673843.2009.9748030
- López, E. E., Ochoa, G. M., & Olaizola, J. H. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28(4), 81-89.
- Marotta, A. K. (2015). *The Relationship between sibling relationship quality and psychological outcomes in emerging adulthood* (Tese de Doutorado não publicada). Columbia University, New York.
- Martínez, A. C. (2013). Percepción de adolescentes de 12 y 16 años sobre la comunicación familiar. *Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología*, 6(1), 7-15.
- McHale, S. M., Updegraff, K. A., & Whiteman, S. D. (2012). Sibling relationships and influences in childhood and adolescence. *Journal of Marriage and Family*, 74(5), 913-930. doi: 10.1111/j.1741-3737.2012.01011.x
- Mota, C. P., Serra, L., Relva, I., & Fernandes, O. M. (2017). Do sibling relationships protect adolescents in residential care and traditional families from developing psychopathologies? *Journal of Family Studies*, 23(3), 260-277. doi:10.1080/13229400.2015.1106333

- Oliva, A., & Arranz, E. (2005). Sibling relationships during adolescence. *European Journal of Developmental Psychology*, 2(3), 253-270.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Offrey, L. D. & Rinaldi, C. M. (2014). Parent-child communication and adolescents' problem-solving strategies in hypothetical bullying situations. *International Journal of Adolescence and Youth*, 2-17. doi: 10.1080/02673843.2014.884006
- Önder, F. C., & Yurtal, F. (2008). An investigation of the family characteristics of bullies, victims, and positively behaving adolescents, *Educational Sciences: Theory & Practice*, 8 (3), 821-832.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 2(52), 387-400.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). A Comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 479-487.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013a). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: Estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 381-391.
- Portugal, A. M., & Marques, I. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85-103. doi: 10.12804/apl32.1.2014.06
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA). In A. P. Relvas & S. Major (Eds.). *Avaliação familiar – Funcionamento e intervenção Vol. I* (pp. 44-67). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: 10.14195/978-989-26-0839-6_2
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2015). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes: estudo das variáveis sociodemográficas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1389-1400. doi: 10.1590/1413-81232015205.13222014
- Prioste, A., Cruz, D., & Narciso, I. (2011). Circularidade relacional: Padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica*, 52(1), 447-457.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.

- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicología*, 46(3), 375-384.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M. & Martins, A. Q. (2014). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Relva, I. C. (2015). Violência na família e violência entre os filhos. In O. M. Fernandes & C. Maia (Eds.), *A família portuguesa no século XXI* (pp. 245-252). Lisboa: Parsifal.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., Graham-Bermann, S., & Lopes, P. (2016). Psychometric proprieties and construct validity of the Brother-Sister Questionnaire in a sample of portuguese adolescents. *Journal of Family Violence*, 32(3), 333-340. doi:10.1007/s10896-016-9851-x
- Ripoll, K., Carrillo, S., & Castro, J. A. (2009). Relación entre hermanos y ajuste psicológico en adolescentes: Los efectos de la calidad de la relación padres-hijos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 27(1), 125-142.
- Samek, D. R., & Rueter, M. A. (2011). Associations between family communication patterns, sibling closeness, and adoptive status. *Journal of Marriage and Family*, 73(5), 1015-1031. doi:10.1111/j.1741-3737.2011.00865.x.
- Scharf, M., Shulman, S., & Avigad-Spitz, L. (2005). Sibling relationships in emerging adulthood and in adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 20(1), 64-90. doi: 10.1177/0743558404271133
- Soysal, F. S. Ö. (2016). A study on sibling relationships, life satisfaction and loneliness level of adolescents. *Journal of Education and Training Studies*, 4(4), 58-67. doi:10.11114/jets.v4i4.1240
- Tippett, N., & Wolke, D. (2015) Aggression between siblings: Associations with the home environment and peer bullying. *Aggressive Behavior*, 41(1), 14-24. doi: 10.1002/ab.21557
- Whiteman, D. S., McHale, S. M., & Soli, A. (2011). Theoretical perspectives on sibling relationships. *Journal of Family Theory & Review*, 3(2), 124-139. doi:10.1111/j.1756-2589.2011.00087.x.

Considerações finais

Os estudos que constituíram esta dissertação tiveram como finalidade explorar a influência da comunicação parental, sobre a afetividade (positiva e negativa) dos adolescentes e a relação entre irmãos, através da percepção dos adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos. Através deste trabalho foi possível obter um maior conhecimento acerca da influência que a comunicação parental exerce sobre a afetividade e a relação entre os irmãos na adolescência. Assim, tendo em consideração os resultados dos dois estudos empíricos, serão apresentadas algumas reflexões acerca dos resultados obtidos, as limitações dos estudos, e propostas para estudos futuros.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento do ser humano, que traz consigo diversos desafios quer para o adolescente quer para a sua família, nesta fase, o indivíduo experimenta mudanças a vários níveis (físico, psicológico, e social), as quais se repercutem também no sistema familiar, funcionando este último como essencial para a concretização das tarefas inerentes a esta fase desenvolvimental e para a adaptação do indivíduo à mesma, neste contexto a comunicação familiar assume um papel central. No entanto, embora a comunicação parental funcione como um elemento facilitador nesta etapa de desenvolvimento, também ela pode sofrer transformações em função da mesma.

Os nossos resultados evidenciam que na adolescência inicial (12 e 13 anos de idade), os indivíduos percebem uma comunicação de maior qualidade com os seus pais e um maior nível de bem-estar emocional (maiores níveis de afeto positivo e menores níveis de afeto negativo) do que na adolescência média (14, 15, e 16 anos de idade). Do mesmo modo, os resultados também apontaram que os adolescentes que frequentam o 7º e 8º anos de escolaridade percebem uma maior qualidade na comunicação experimentada com os seus pais, do que os adolescentes que frequentam o 9º e 10º anos de escolaridade.

Como esperado, os resultados deste estudo sugerem, a existência de diferenças em função do tipo de configuração familiar, no que respeita à comunicação e afetividade, assim, os filhos que vivem em famílias monoparentais, reconstruídas ou divorciadas, percebem que o pai não está tão disponível para comunicar, ou seja, para escuta-los de forma ativa, e evidenciam menores níveis de afeto positivo, quando comparados com os filhos que vivem em famílias tradicionais.

Demonstrou-se interessante a presença de uma associação positiva entre todas as dimensões da comunicação parental, tanto referentes ao pai com a mãe, e o afeto positivo, e a presença de uma associação negativa entre todas as dimensões da comunicação parental e o

afeto negativo. Deste modo, a comunicação parento-filial demonstrou influenciar o bem-estar emocional dos filhos, uma vez que à maior qualidade da comunicação parental se associam maiores níveis de afeto positivo e menores níveis de afeto negativo. Tal como referenciado por López et al. (2005) e Martínez (2013) a comunicação positiva entre pais e filhos parece, assim, contribuir de forma positiva para o bem-estar do adolescente. Também duas dimensões da comunicação parental, nomeadamente, a confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores relativa à mãe, e a disponibilidade parental para a comunicação relativa ao pai, exercem um efeito preditor no afeto positivo e negativo, respetivamente.

Foi também possível averiguar que os adolescentes com 12 e 13 anos de idade experimentam maiores níveis de empatia na relação com os seus irmãos do que os adolescentes com idades entre os 14, 15, e 16 anos de idade, o que nos leva a considerar que com o aumento da idade na adolescência, a empatia experimentada na relação entre os irmãos tende a diminuir.

Os resultados sugerem uma correlação positiva entre todas as dimensões da comunicação parental, e a empatia experimentada na relação fraterna, o que evidencia que com o aumento da perceção da qualidade da comunicação parento-filial pelo adolescente aumenta a empatia experimentada na relação fraterna. Também algumas variáveis da comunicação parental se associaram positivamente com a variável da relação fraterna semelhantes o que evidencia que quanto maior a qualidade da comunicação parento-filial maior a perceção de semelhança na relação fraterna, dados corroborados por East (2009).

Verificou-se o efeito preditor do sexo e da comunicação parental, referente à mãe, na relação fraterna. Assim, constatamos que o sexo feminino é uma variável que prediz a empatia experimentada na relação fraterna, dados que são consistentes com as afirmações de Lam et al. (2012), Oliva e Arranz (2005), e Samek e Rueter (2011). Verificou-se também que a expressão do afeto e apoio emocional e a metacomunicação exercem um papel preditor sobre a manutenção dos limites entre os irmãos.

Assim, face a todos os resultados que de forma sucinta apresentamos, esperamos que o presente estudo, possa contribuir de forma positiva para uma maior compreensão acerca da importância que a comunicação parental apresenta quer a nível individual quer a nível familiar, influenciando o bem-estar emocional do adolescente e a qualidade da relação estabelecida entre os irmãos na adolescência. Neste sentido, consideramos ser extremamente importante a implementação de programas de intervenção/educação parental, que sejam iniciados precocemente, para que se atue de forma preventiva. Assim, seria pertinente trabalhar as competências comunicacionais com todos os elementos da família, tendo em vista fomentar a aquisição, desenvolvimento e consolidação de competências comunicacionais, para que, por

consequente, possam ser minimizadas as consequências negativas decorrentes de uma comunicação parento-filial negativa sobre o bem-estar emocional do adolescente, e sobre a qualidade da relação fraterna, uma vez que com o aumento da qualidade da comunicação parento-filial aumenta o bem-estar emocional dos adolescentes e aumenta a qualidade da relação com os seus irmãos.

De referir que nesta investigação se verificaram algumas limitações, uma das quais se prende com facto dos instrumentos serem aplicados em contexto de sala de aula, e constituírem medidas de autorrelato, o que pode contribuir para o enviesamento dos dados, uma vez que os participantes poderão ter respondido tendo em conta aquilo de desejável socialmente. Outra limitação deste estudo, constitui-se pelo facto de terem de ser reduzidos um número considerável de participantes, uma vez que alguns questionários estavam mal preenchidos ou em branco, o que levou a que estes tivessem de ser eliminados. Deste modo, o tamanho da amostra, pelo seu número reduzido, pode impedir a generalização dos dados.

Por último, consideramos que em estudos futuros, seria pertinente e extremamente interessante, analisar a perceção dos pais acerca da comunicação estabelecida com os filhos e verificar a sua influência na experiência afetiva dos pais, dando uma abordagem mais abrangente acerca da forma como a comunicação pode interferir no bem-estar emocional de todos os elementos que compõem a relação parento-filial: pai e filho e mãe e filho. Seria também igualmente importante, analisar a influência da comunicação entre os irmãos, sobre a afetividade dos pais e dos adolescentes, uma vez que a afetividade dos pais e dos adolescentes tem muito a ver com a relação que os últimos estabelecem com os seus irmãos e que os pais estabelecem os seus filhos, assim uma visão mais sistémica de todas os relacionamentos que constituem o sistema familiar, poderá contribuir para que nos aproximarmos mais da complexidade que é uma família. Consideramos do mesmo modo, essencial, que em estudos futuros, se investigue mais acerca de como a comunicação parental e fraterna pode influenciar a qualidade da relação fraterna, explorando os seus efeitos sobre a violência entre os irmãos, este estudo seria inovador, uma vez que a violência entre irmãos é um tema ainda muito pouco abordado ainda que apresente uma prevalência considerável, tal como referido por Fernandes et al. (2016), Relva et al. (2014), e Relva (2015). De evidenciar, assim, que quando há mais do que um filho numa família, importa estudar o relacionamento entre os irmãos, porque só assim podemos ter uma visão mais verdadeira do sistema familiar como um todo.

Referências Bibliográficas Gerais

- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora. (Obra original publicada em 2000).
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102. doi: 10.1590/S0103-863X2007000100009
- Alarcão, M. (2015). Família e sistemas envolventes. In O. M. Fernandes & C. Maia (Eds.), *A família portuguesa no século XXI* (pp. 121-132). Lisboa: Edições Parsifal.
- Almeida, A. D. (2015). *Avaliação entre o grau de concordância entre membros do par parental relativamente à comunicação entre pais e filhos* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Bireda, A. D., & Pillay, J. (2017). Perceived parent – child communication and wellbeing among Ethiopian adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth*. 2-9. doi: 10.1080/02673843.2017.1299016
- Carvalho, T. B. N. (2015). *Estudo da influência da comunicação entre pais e filhos no funcionamento familiar numa amostra de Angola* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cava, M. J. (2003). Comunicación familiar y bienestar psicosocial en adolescentes. *Actas del VIII Congreso Nacional de Psicología Social*, 1(1), 23-27.
- Chechi, P., & Dias, A. C. G. (2003). Comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Disciplinarum Scientia*, 4(1), 143-156.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- East, P. L. (2009). Adolescents' relationships with siblings. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook on Adolescent Psychology: Contextual Influences on Adolescent Psychology* (pp. 43-73). Hoboken, NJ: Wiley
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratratria e personalidade* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Trás-os-Montes, Vila Real.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, V. J. (2007). Posição da fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300001
- Fernandes, O. M., Relva, I. C., Rocha, M., & Alarcão, M. (2016). Estudo da validade de construto das *Revised Conflict Tactics Scales* – versão irmãos. *Motricidade*, 12(1), 69-82. doi: 10.6063/motricidade.6182

- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2006). Adolescências...Adolescentes... *Millenium*, 10(32), 141-162.
- Fleming, M. (2015). Família e adolescência: Perspectiva psicológica. In O. M. Fernandes e C. Maia (Eds.), *A família portuguesa no século XXI* (pp. 163-169). Lisboa: Parsifal.
- Lam, C. B., Solmeyer, A. R., & McHale, S. M. (2012). Sibling relationships and empathy across the transition to adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(12), 1657-1670. doi:10.1007/s10964-012-9781-8.
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2004). Parent-child communication during adolescence. In A. L. Vangelisti (Ed.), *LEA's communication series. Handbook of family communication* (pp. 333-348). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- López, E. E., Ochoa, G. M. & Olaizola, J. H. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28(4), 81-89.
- Martínez, A. C. (2013). Percepção de adolescentes de 12 y 16 años sobre la comunicación familiar. *Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología*, 6(1), 7-15.
- Mota, C. P., Serra, L., Relva, I., & Fernandes, O. M. (2017). Do sibling relationships protect adolescents in residential care and traditional families from developing psychopathologies? *Journal of Family Studies*, 23(3), 260-277. doi :10.1080/13229400.2015.1106333
- Oliva, A., & Arranz, E. (2005). Sibling relationships during adolescence. *European Journal of Developmental Psychology*, 2(3), 253-270.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex modelo of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Pereira, A.I. F. (2009). *Crescer em Relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento – estudo longitudinal com crianças em idade escolar* (Tese de Doutoramento publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da educação da Universidade de Coimbra, Coimbra. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 2(52), 387-400.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). A Comunicação parento-filial: estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 479-487.
- Portugal, A. M., & Marques, I. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA): desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85-103. doi: 10.12804/apl32.1.2014.06

- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2015). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes: estudo das variáveis sociodemográficas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1389-1400. doi: 10.1590/1413-81232015205.13222014
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M. & Martins, A. Q. (2014). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Relva, I. C. (2015). Violência na família e violência entre os filhos. In O. M. Fernandes & C. Maia (Eds.), *A família portuguesa no século XXI* (pp. 245-252). Lisboa: Parsifal.
- Samek, D. R., & Rueter, M. A. (2011). Associations between family communication patterns, sibling closeness, and adoptive status. *Journal of Marriage and Family*, 73(5), 1015-1031. doi:10.1111/j.1741-3737.2011.00865.x.
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2011). A Influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 747-756.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. O., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80.

ANEXOS

Anexo 1

1.1 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Mãe) – versão para adolescentes – do primeiro estudo empírico

1.2 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Pai) – versão para adolescentes – do primeiro estudo empírico

1.3 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa

1.4 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Mãe) – versão para adolescentes – do segundo estudo empírico

1.5 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Pai) – versão para adolescentes – do segundo estudo empírico

1.6 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa

Anexo 2

2.1 Questionário Sociobiográfico

Anexo 3

3.1 Extrato da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão adolescentes (COMPA-A)

3.2 Extrato da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS)

3.3 Extrato do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa (BSQ)

Anexo 4

4.1 Pedido sobre apreciação do projeto de investigação à Comissão de Ética

4.2 Pedido de autorização às escolas secundárias

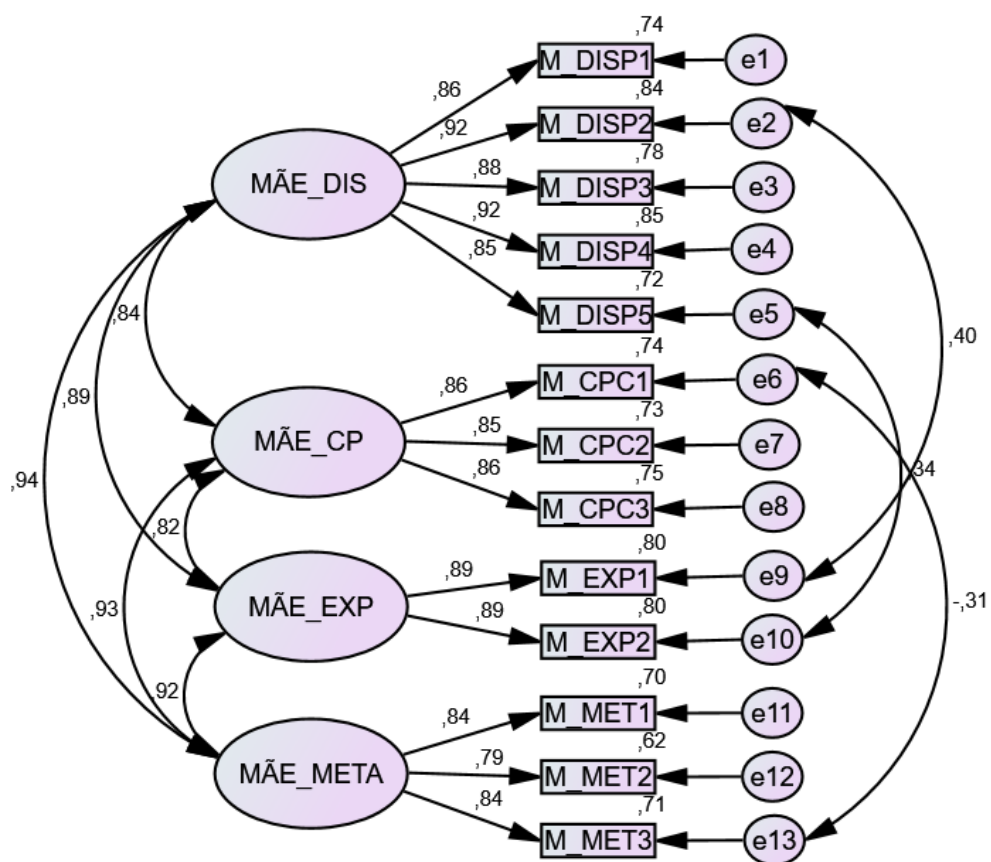
4.3 Consentimento informado

Anexo 5

5.1 Autorização da Comissão de Ética

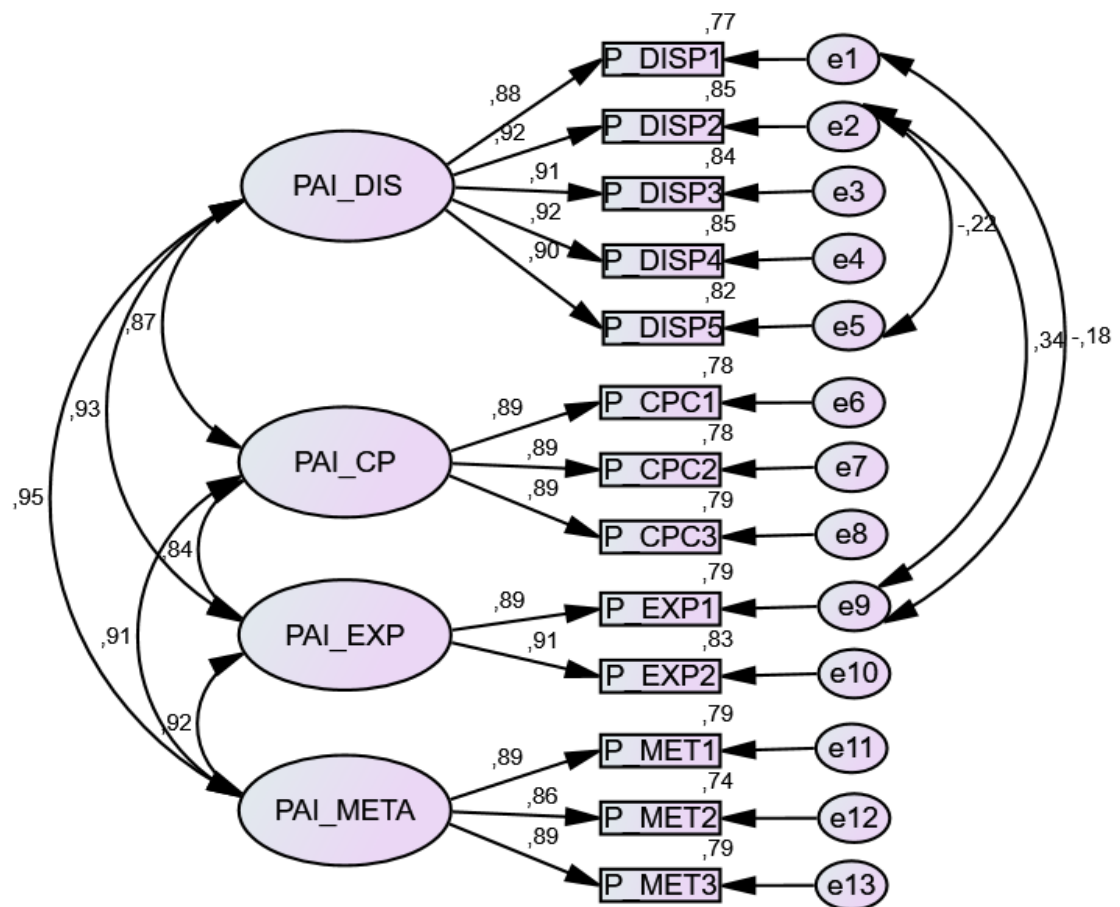
ANEXO 1

1.1 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Mãe) – versão adolescentes – do primeiro estudo empírico



$\chi^2(56)=151.46$; $p=.000$; $Ratio=2.70$; $CFI=.96$; $RMR=.023$ e $RMSEA=.08$

1.2 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Pai) – versão adolescentes – do primeiro estudo empírico



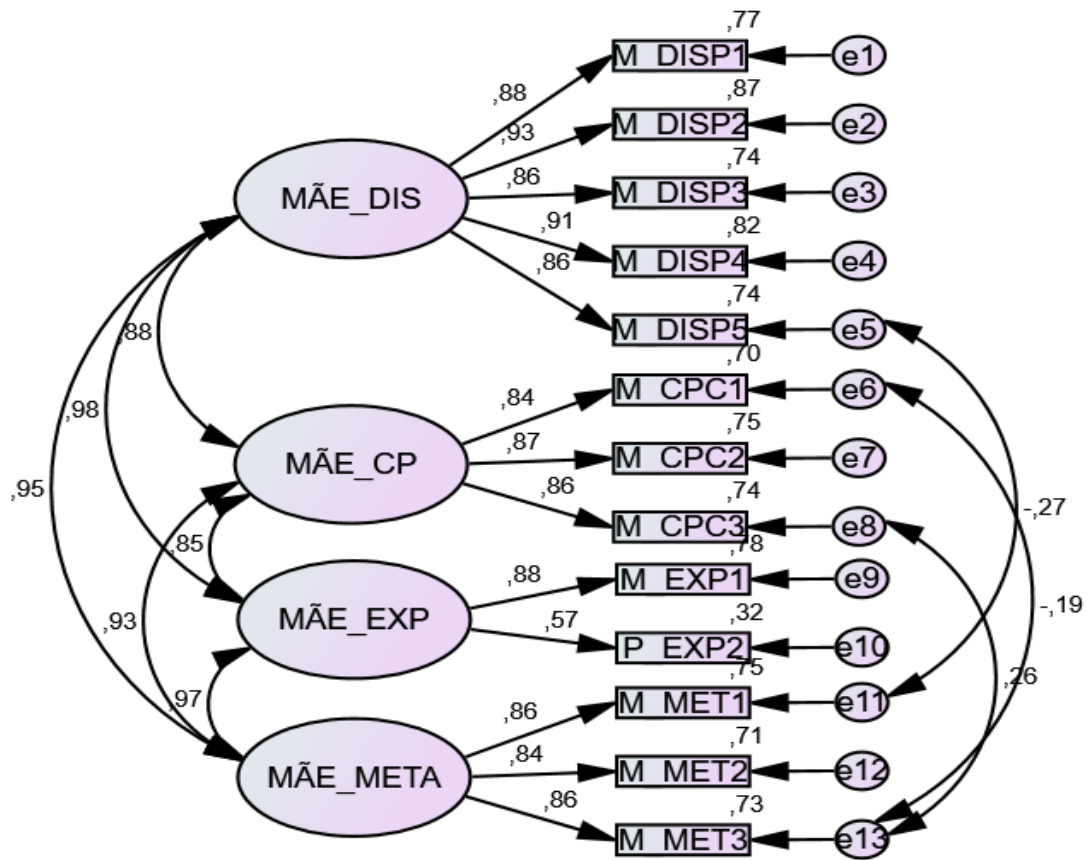
$\chi^2(56) = 117.03$; $p = .000$; Ratio = 2.09; CFI = .98; RMR = .024 e RMSEA = .07

1.3 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa



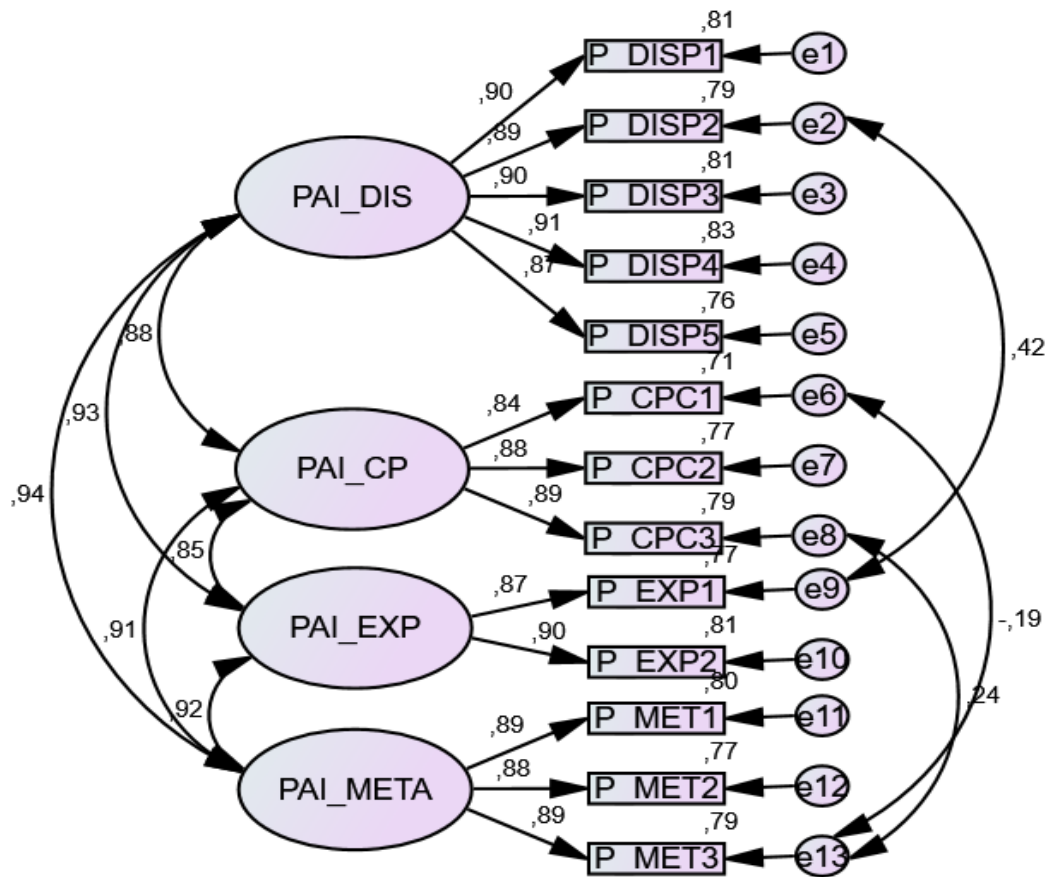
$\chi^2(17)=32.78$; $p=.010$; Ratio=1.92; CFI=.97; RMR=.026 e RMSEA=.06

1.4 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Mãe) – versão adolescentes – do segundo estudo empírico



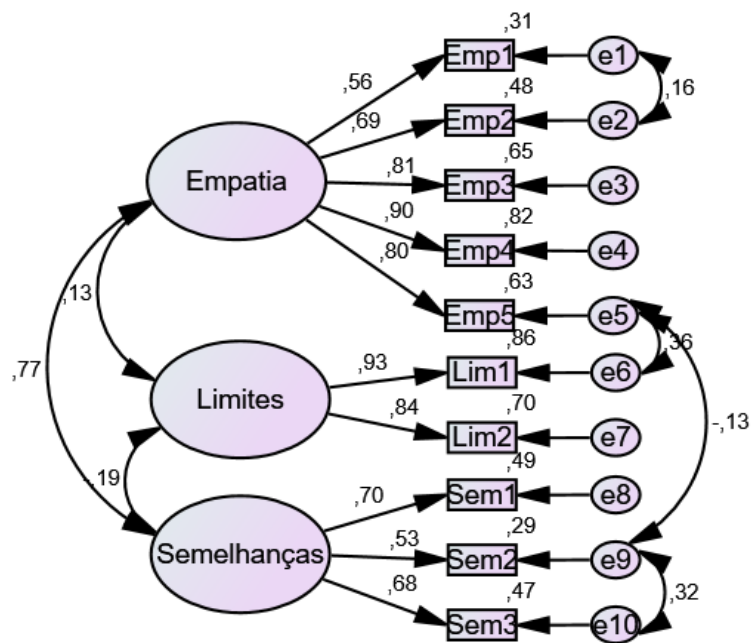
$\chi^2(56)=133.39; p=.000; Ratio=2.38; CFI=.97; RMR=.029$ e $RMSEA=.08$

1.5 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Pai) – versão adolescentes – do segundo estudo empírico



$\chi^2(56)=98.68$; $p=.000$; $Ratio=1.76$; $CFI=.99$; $RMR=.024$ e $RMSEA=.06$

1.6 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa



$\chi^2(28)=93.82$; $p=.000$; $Ratio=3.35$; $CFI=.94$; $RMR=.075$ e $RMSEA=.10$

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO SOCIOBIOGRÁFICO

(adaptado do S. E. Q., de W. Toman, por Fernandes & Relva, 2013)

Este questionário tem como objetivo fazer o levantamento de alguns aspetos do teu meio familiar de origem (no qual viveste, ou vives). Peço que sejas rigoroso e sincero e relembro que não existem respostas certas ou erradas. Sempre que precises de ajuda não hesites em solicitá-la.

MUITO OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO.

1. Tenho _____ anos de idade.

2. Sou do sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

3. Estou a frequentar o _____ ano de escolaridade

4. Nacionalidade Portuguesa ☐ Sim ☐ Não

5. Número e tipo de irmãos (escreve o número)

Dos meus irmãos _____ são/eram irmãos de sangue (filhos de ambos os meus pais)
_____ são/eram meios-irmãos (filhos de apenas um dos meus pais)
_____ são/eram irmãos por parentesco (filhos da minha madrasta ou padrasto)
_____ são/eram irmãos adotivos

6. Dados sobre os meus irmãos (começa do mais velho até ao mais novo)

Idade atual e sexo	____ Anos ☐ Feminino ☐ Masculino	____ anos ☐ Feminino ☐ Masculino	____ Anos ☐ Feminino ☐ Masculino	____ anos ☐ Feminino ☐ Masculino	____ anos ☐ Feminino ☐ Masculino
Tipo de irmão	☐ Irmão de sangue ☐ Meio-irmão ☐ Irmão por parentesco ☐ Irmão adotivo	☐ Irmão de sangue ☐ Meio-irmão ☐ Irmão por parentesco ☐ Irmão adotivo	☐ Irmão de sangue ☐ Meio-irmão ☐ Irmão por parentesco ☐ Irmão adotivo	☐ Irmão de sangue ☐ Meio-irmão ☐ Irmão por parentesco ☐ Irmão adotivo	☐ Irmão de sangue ☐ Meio-irmão ☐ Irmão por parentesco ☐ Irmão adotivo
Já morreu?	☐ Sim. Quando eu tinha _____ anos. ☐ Não	☐ Sim. Quando eu tinha _____ anos. ☐ Não	☐ Sim. Quando eu tinha _____ anos. ☐ Não	☐ Sim. Quando eu tinha _____ anos. ☐ Não	☐ Sim. Quando eu tinha _____ anos. ☐ Não
Viveu sempre contigo?	☐ Sim. ☐ Não. Apenas dos meus _____ anos até aos meus _____ anos. ☐ Nunca	☐ Sim. ☐ Não. Apenas dos meus _____ anos até aos meus _____ anos. ☐ Nunca	☐ Sim. ☐ Não. Apenas dos meus _____ anos até aos meus _____ anos. ☐ Nunca	☐ Sim. ☐ Não. Apenas dos meus _____ anos até aos meus _____ anos. ☐ Nunca	☐ Sim. ☐ Não. Apenas dos meus _____ anos até aos meus _____ anos. ☐ Nunca

7. Os meus pais

O meu PAI:

Idade: _____

Profissão: _____

Estado Civil	_____	Já faleceu	☐
	_____	Solteiro	☐
	_____	Casado/Junto/União de facto	☐
	_____	Divorciado	☐
	_____	Viúvo	☐

Quando eu tinha _____ Anos.

Com :

_____	a minha mãe	☐
_____	a minha madrasta	☐
_____	Outro	☐

A minha MÃE:

Idade: _____

Profissão: _____

Estado Civil	_____	Já faleceu	☐
	_____	Solteiro	☐
	_____	Casado/Junto/União de facto	☐
	_____	Divorciado	☐
	_____	Viúvo	☐

Quando eu tinha _____ Anos.

Com :

_____	o meu pai	☐
_____	o meu padrasto	☐
_____	Outro	☐

8. O meu agregado familiar é composto

☐ por mim e por mais: ☐ Pai

☐ Substituto paterno

☐ Mãe

☐ Substituta materna

☐ Outros. Quem? _____

☐ Irmãos de sangue

☐ Meios-irmãos

☐ Irmãos por parentesco

☐ Irmãos adotivos

☐ Avós paternos

☐ Avós maternos

Ao todo, lá em casa, somos _____ pessoas.

ANEXO 3

Extrato da *Positive and Negative Affect Schedule*

(Watson, Clark, & Tellegen, 1988; adaptação de Galinha & Pais-Ribeiro, 2005)

Lê cada palavra e marca a resposta adequada no espaço anterior à palavra.
Indica, em que medida sentiste cada uma das destas emoções, durante o último ano, considerando que:

1 = Nada ou muito Ligeiramente 2 = Um pouco 3 = Moderadamente
4 = Bastante 5 = Extremamente

___ Interessado
___ Perturbado
___ Excitado
___ Atormentado
___ Agradavelmente surpreendido

___ Orgulhoso
___ Irritado
___ Encantado
___ Remorsos
___ Inspirado

Extrato da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – Versão adolescentes (Portugal & Alberto, 2010)

No dia-a-dia das famílias, pais e filhos vão comunicando entre si. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como comunicas com o teu PAI e com a tua MÃE.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um X a opção que mais se aproxima da tua opinião, isto é, deves indicar se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com o teu pai e com a tua mãe.

É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, não existem respostas certas nem respostas erradas.

1: Isto Nunca acontece 2: Isto Raramente acontece 3: Isto acontece Às vezes

4: Isto acontece Muitas vezes 5: Isto acontece Sempre

PAI						MÃE					
1	2	3	4	5	1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com o meu pai.	1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com a minha mãe.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	2. Converso com o meu pai sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.	2. Converso com a minha mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	3. Converso com o meu pai quando me sinto aborrecido/a.	3. Converso com a minha mãe quando me sinto aborrecido/a.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	4. Eu e o meu pai procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.	4. Eu e a minha mãe procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	5. Eu e o meu pai ficamos chateados um com o outro.	5. Eu e a minha mãe ficamos chateados um(a) com o(a) outro(a).	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	6. Minto ao meu pai.	6. Minto à minha mãe	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	7. Converso com o meu pai sobre os meus problemas.	7. Converso com a minha mãe sobre os meus problemas.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	8. Quando converso com o meu pai digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.	8. Quando converso com a minha mãe digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	9. O meu pai conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educado.	9. A minha mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educada.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	10. Posso confiar no meu pai e contar-lhe os meus problemas.	10. Posso confiar na minha mãe e contar-lhe os meus problemas.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	11. O meu pai compreende os meus problemas e as minhas preocupações.	11. A minha mãe compreende os meus problemas e as minhas preocupações.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	12. O meu pai diz-me o que é certo e errado.	12. A minha mãe diz-me o que é certo e errado.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	13. O meu pai dá-me atenção e é carinhoso comigo.	13. A minha mãe dá-me atenção e é carinhosa comigo.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	14. O meu pai gosta de me fazer surpresas.	14. A minha mãe gosta de me fazer surpresas.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	15. Quando falo com o meu pai ele ouve-me e dá-me atenção.	15. Quando falo com a minha mãe ela ouve-me e dá-me atenção.	1	2	3	4	5

Extrato do *Brother-Sister Questionnaire*

(Graham-Bermann, & Cutler, 1994; adaptação de Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann, & Lopes, 2016)

Por favor lê as afirmações abaixo mencionadas em relação a TI e AQUELE IRMÃO/IRMÃ e assinala, com uma cruz ou um círculo, o número que melhor descreve a tua relação com ele/ela (a escala vai de 1 = NUNCA É VERDADE a 5 = É SEMPRE VERDADE):

A RELAÇÃO entre TI e o TEU IRMÃO ou IRMÃ	Nunca		Sempre		
1. Nós somos muito parecidos.	1	2	3	4	5
2. Nós discutimos/brigamos muito.	1	2	3	4	5
3. Ele/ela tenta sempre imitar-me.	1	2	3	4	5
4. Eu emprestar-lhe-ia dinheiro.	1	2	3	4	5
5. Eu tenho de fazer as coisas antes do meu irmão/irmã.	1	2	3	4	5
6. Nós gostamos dos mesmos desportos ou jogos.	1	2	3	4	5
7. Eu preocupo-me muito com o que ele/ela faz.	1	2	3	4	5
8. Ele/ela preocupa-se muito com o que eu faço.	1	2	3	4	5
9. Nós temos os mesmos amigos.	1	2	3	4	5
10. Nós discutimos muito sobre de quem é a vez de fazer as coisas.	1	2	3	4	5
11. Nós somos bons nas mesmas disciplinas.	1	2	3	4	5
12. Nós gostamos de fazer as mesmas coisas.	1	2	3	4	5
13. Envolvemo-nos na mesma quantidade de problemas.	1	2	3	4	5
14. Quando ele/ela se sente feliz, eu também me sinto.	1	2	3	4	5
15. Gostamos dos mesmos programas de televisão.	1	2	3	4	5

ANEXO 4

*A nossa investigação primeiramente denominava-se “*A influência da comunicação e da socialização parento-filial sobre o comportamento agressivo entre pares, a diferenciação do self e o afeto positivo e negativo em adolescentes*”, pelo que nos documentos que apresentamos no anexo 4, consta este título e os seus respetivos objetivos. No entanto, posteriormente, por questões metodológicas tivemos que retirar três dos instrumentos (Questionário *Cyberbullying*, o *Differentiation of Self Inventory* e a Escala de Socialização parental na adolescência) e inserir o *Brother-Sister Questionnaire*, em função deste facto foi alterado o título da nossa investigação para “*A comunicação parental, a afetividade e a relação dos adolescentes com os seus irmãos*” e consequentemente os seus objetivos.



Exma. Sra. Presidente da Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,
Professora Doutora Maria da Conceição Fidalgo Guimarães Costa Azevedo

Assunto: Pedido de apreciação de protocolo de investigação

No seguimento da elaboração de um projeto de investigação a decorrer no âmbito do 2º ciclo de Psicologia da Educação e Desenvolvimento, na qualidade de aluna, eu, Nilza Daniela Alves Rodrigues, sob orientação das Professoras Doutoradas Otília Monteiro Fernandes e Inês Relva, da Escola de Ciências Humanas e Sociais – Departamento de Educação e Psicologia, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, venho por este meio solicitar à Comissão de Ética da UTAD, a reapreciação do protocolo de recolha de dados que integra o projeto intitulado: *A influência da comunicação e da socialização parento-filial sobre o comportamento agressivo entre pares, a diferenciação do self e o afeto positivo e negativo em adolescentes*, cuja síntese, consentimento informado, assim como o protocolo, seguem anexados a este pedido.

Esperando de V. Exa. a melhor compreensão e colaboração, apresento a minha disponibilidade para esclarecer qualquer dúvida existente, através do e-mail: nilza.rodrigues_@hotmail.com.

Com os melhores cumprimentos,

(Nilza Rodrigues)

Vila Real, 17 de março de 2017

Vila Real, 29, março de 2017

Exmo. Sr. Diretor da Escola
XXXXXXXXXXXXXX

Exmo. Sr. Diretor XXXXXXXXXXXX

Sou aluna, do Mestrado de Psicologia da Educação e do Desenvolvimento da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendo realizar o meu projeto de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre, sob orientação das Professoras Doutoras **Otília Monteiro Fernandes e Inês Relva**.

O objetivo da nossa investigação é: explorar a influência da comunicação e da socialização entre pais e filhos sobre o comportamento agressivo entre pares, a diferenciação do *self* e o afeto positivo e negativo. Nesse sentido, vimos colocar à consideração de V. Exa. a possibilidade de serem administrados alguns questionários de recolha de dados na Escola Secundária de XXXXXXXXXXXXXXXX. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, não sendo assim necessário proceder à identificação dos participantes. A recolha e o tratamento dos dados ficará a cargo da aluna Nilza Rodrigues.

Esperando de V. Exa. a melhor compreensão e colaboração, ficamos a aguardar autorização, dispondo-nos naturalmente para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos,
A mestrandia:

(Nilza Rodrigues)

Protocolo de investigação



Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Caro aluno (a),

Sou aluna da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, e estou a desenvolver o meu projeto de investigação com vista à obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento.

A tua escola foi selecionada para participar nesta investigação que tem como objetivo estudar o papel de diversas variáveis familiares, nomeadamente o efeito que a comunicação e a socialização parental têm sobre algumas dimensões da vida dos adolescentes.

Assim, solicito a tua colaboração no preenchimento dos questionários e que respondas de forma sincera a todas as questões colocadas, garantindo que todas as informações serão tratadas com todo o rigor e confidencialidade e apenas serão utilizadas para fins científicos.

Peço que leias com atenção as instruções que são dadas ao longo dos questionários, e no fim certifica-te que respondeste a todas as questões, pois só assim é possível contar com a tua participação. O meu objetivo não é verificar se as respostas estão corretas ou erradas, apenas quero saber o que pensas ou sentes.

A participação neste estudo é voluntária, por isso se desejares poderás desistir a qualquer momento. Caso surja alguma dúvida solicita a minha ajuda.

Obrigada pela tua Colaboração!

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora,

(Nilza Rodrigues)

Consentimento Informado

Vila Real, 2017

Exmo(a). Sr(a) Encarregado(a) de Educação

Sou aluna do Mestrado em Psicologia da Educação e Desenvolvimento da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendo realizar o meu projeto de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Educação e Desenvolvimento.

Esta investigação centra-se no estudo de variáveis relacionadas com a família, e tem como finalidade estudar o efeito que a comunicação e a socialização parental têm sobre algumas dimensões da vida do adolescente.

A instituição em que o seu filho(a) se encontra matriculado(a) foi selecionada para fazer parte da amostra desta investigação, assim sendo venho por este meio solicitar a participação do seu educando nesta investigação, considerando que esta será fundamental. A participação nesta investigação implica apenas o preenchimento de questionários, não interferindo de forma alguma no seu rendimento escolar.

Desde já garanto a máxima confidencialidade dos dados obtidos na investigação.

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora:

(Nilza Rodrigues)

Eu, _____ encarregado(a) de
educação do aluno(a) _____ declaro que fui
informado sobre os objetivos do presente trabalho e autorizo-o a participar no preenchimento
dos questionários.

Data ____/____/____

O Encarregado de Educação

ANEXO 5

*A nossa investigação primeiramente denominava-se “*A influência da comunicação e da socialização parento-filial sobre o comportamento agressivo entre pares, a diferenciação do self e o afeto positivo e negativo em adolescentes*”, pelo que no documento do anexo 5 consta este título. No entanto, posteriormente, por questões metodológicas tivemos que retirar três dos instrumentos (Questionário *Cyberbullying*, o *Differentiation of Self Inventory* e a Escala de Socialização parental na adolescência) e inserir o *Brother-Sister Questionnaire*, em função deste facto foi alterado o título da nossa investigação para “*A comunicação parental, a afetividade e a relação dos adolescentes com os seus irmãos*”.

Parecer da Comissão de Ética N:	14/2017
Data:	14.03.2017
Assunto:	Doc 22/CE/2016 Recolha de dados projeto de investigação "A influência da comunicação e da socialização parento-filial sobre o comportamento agressivo entre pares, e a diferenciação do self e o afeto positivo e negativo em adolescentes"
Requerente:	Nilza Rodrigues/Coord: Otilia Monteiro; Inês Relva

Considerando que estão garantidos os direitos dos participantes quanto ao anonimato e confidencialidade dos dados, bem como, o consentimento informado o interesse social e desenvolvimento científico da psicologia, a CE é de parecer favorável ao desenvolvimento do projeto.